

ADRIANA ALVES DA SILVA

**A POÉTICA DO COTIDIANO COM
CLARICE LISPECTOR:
EMERGINDO IMAGENS**

Dissertação apresentada ao Instituto de
Artes, da Universidade Estadual de
Campinas, para obtenção ao Título de
Mestre em Multimeios.

Área de Concentração: Cinema

Orientador: Prof. Dr. Antonio Fernando da
Conceição Passos

Campinas

2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP**

Si38p Silva, Adriana Alves da.
 A Poética do Cotidiano com Clarice Lispector: emergindo
 imagens / Adriana Alves da Silva – Campinas, SP: [s.n.], 2008.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Fernando da Conceição Passos.
Dissertação(mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Artes.

1. Linguagem. 2. Audiovisual. 3. Cinema e literatura.
4. Clarice Lispector. I. Passos, Antonio Fernando da Conceição.
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes.
III. Título.

(em/ia)

Título em inglês: “The Daily Poetics with Clarice Lispector: emerging images”.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Language - Growth ; Audio-visual - education ; Motion pictures and literature ; Clarice Lispector.

Titulação: Mestre em Multimeios.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Antonio Fernando da Conceição Passos.

Prof. Dr. Nuno Cesar Pereira de Abreu.

Profa. Dra. Carmem Lúcia Soares.

Prof. Dr. Adilson Nascimento (suplente)

Prof. Dr. Claudiney Carrasco (suplente).

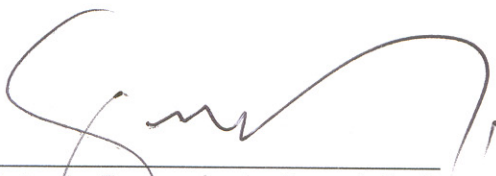
Data da Defesa: 26-02-2008

Programa de Pós-Graduação: Multimeios.

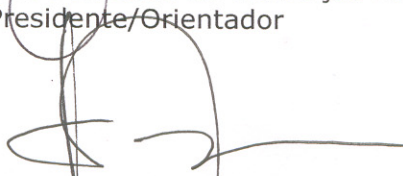
Instituto de Artes

Comissão de Pós-Graduação

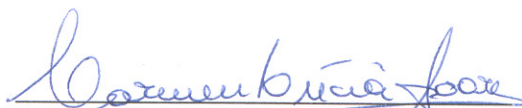
Defesa de Tese de Mestrado em Multimeios, apresentada pela Mestranda Adriana Alves da Silva - RA 980515 como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre, perante a Banca Examinadora:



Prof. Dr. Antonio Fernando da Conceição Passos
Presidente/Orientador



Prof. Dr. Nuno César Pereira de Abreu
Membro Titular



Profa. Dra. Carmen Lúcia Soares
Membro Titular

*Aos meus amores difíceis e essenciais:
meu Pai Antônio, meu amigo-amante Celso
e especialmente meu filho João Rio.*

Agradecimentos

Muito tenho a agradecer. Tantas pessoas ao longo deste processo estiveram comigo alimentando a minha alma, pois este trabalho foi uma trajetória da alma, que ultrapassou em muito os objetivos acadêmicos, proporcionando um conhecimento profundo e uma transformação substancial em minha existência.

Primeiramente gostaria de agradecer as mulheres, belas, guerreiras que lutam e sonham e me inspiram cotidianamente, especialmente minhas companheiras de travessia aqui na Unicamp: Priscilla Dias, Regina Célia dos Santos, Fernanda Miranda da Cruz, Simone Cecilia Fernandes, Renata Lima, Carol Botelho, Carin Carrer Gomes, Carmem Betiol, Aline Shiohara, Priscilla H. Candeloro, Carol Ladeira, Juliana Goulart, Kellen Junqueira...ah! e tantas outras... As educadoras do Movimento Sem Terra, especialmente minhas companheiras de trabalho: Carla Martins, Maria Aparecida, Márcia Ramos...do INCRA: Valéria Abulquerque, a Juliana dos conflitos...minhas alunas – professoras em formação do curso de Pedagogia da UNAR (Universidade de Araras) e as mulheres do Grupo de Gênero da Incubadora, a Profa. Ângela Araújo...ah! Minhas professoras inspiradoras: minha amiga, mestre, companheira de tantas horas Profa. Ana Lúcia Goulart de Farias e minhas colegas do Gepedisc (Grupo de Educação Infantil), especialmente a Patrícia Prado, a Profa. Carmem Soares que vem me inspirando sobre as questões do Corpo...ah! minha *guapa* Ofélia Ortega que atravessou o oceano e me trouxe inspirações tão preciosas e muitas, muitas outras que estão em mim e fazem parte deste trabalho – são as mulheres as minhas referências maiores e, assim como no universo de Clarice Lispector, à elas cabe a minha maior referência, meu eterno amor.

Também agradeço aos meus amores profundos, os homens da minha vida: meu Pai Antônio Alves da Silva, meu filho João Rio – por onde navego de tanto amar, o pai dele Rafael que me fez vivenciar que o amor pode e deve ser eterno enquanto dure; aos meus amigos-amantes de ontem, hoje e sempre Marcelo Pupo e Celso Mendes – especialmente a vocês agradeço pelas experiências de amor mais intensas que já vivi até aqui. Meus amigos não amantes mas amados: Fabio Tozzi e Filipe Marino.

Aos laços de família com a família Pupo – Inês, Fernando, Guilherme, parte tão preciosa da minha história há quase 30 anos.

Aos Tios Lúcio e Rosaura, pelo amor e dedicação com meu pequeno João em tantos momentos de ausência, sem vocês teria sido impossível.

A minha família essencial que vou criando e recriando na medida em que vou encontrando meu coração e minha capacidade de amar, minha mãe Eli, minha irmã Luciana e meu sobrinho Felipe, muito obrigada por estarem em mim, sempre me acolhendo e me apoiando incondicionalmente, somente vocês resistem a mim.

Aos meus colegas, ou melhor minhas colegas do Mestrado, em especial: Célia Harumi e Alessandra Brum, pela oportunidade da experiência cinematográfica.

Agradeço aos Professores do meu Exame de Qualificação: Ney Carrasco e Adilson Nascimento pelas preciosas considerações, que muito me inquietaram a buscar a ‘verdade escondida’ do meu processo de criação.

E por último, mas não menos importante agradeço imensamente ao Fernando Passos, meu orientador pela preciosidade indizível que foi a aventura deste mestrado, agradeço por me mostrar as duras penas: especialmente a solidão inerente ao processo criativo, a maneira que poderia dar a volta ao mundo, mas reencontraria meu coração e a densidade que buscava para minha existência.

*“Eu antes tinha querido ser os outros
para conhecer o que não era eu.
Entendi então que eu já tinha sido os outros
e isso era fácil.
Minha experiência maior seria ser o outro
dos outros: e o outro dos outros
era eu.”*

(Clarice Lispector

A experiência maior em A Legião Estrangeira, 1964)

O presente trabalho insere-se na Linha de Pesquisa **Cinema Ficcional - História e Processos Criativos** e apresenta os percursos da dimensão estética da comunicação cinematográfica, visando o desenvolvimento de linguagem audiovisual. Inspirada pela literatura de Clarice Lispector.

Registrei o processo criativo e elaborei três roteiros para vídeo: “**A mãe**”, “**Aqui passa o amor?**” e “**A Imitação de Clarice**”.

Tendo como referência a Poética do Cotidiano e o universo feminino em, ou melhor, com Clarice Lispector, trabalhei com contos, crônicas e cartas publicadas da autora, como material inspirador e desencadeador do despertar da minha subjetividade como elemento essencial no processo criativo.

ABSTRACT

The present work inserts itself in the Research Line **Ficcional Cinema - History and Creative Processes** and presents the passages of the aesthetic dimension of the cinematographic communication, aiming at the development of audiovisual language. Inspired by Clarice's Lispector literature.

I registered the creative process and I elaborated three video scripts: **"The mother"**, **"Does Love pass here?"** and **"The Imitation of Clarice"**.

Having as reference the Daily Poetics and the feminine universe in, or better, with Clarice Lispector, I worked with stories, chronicles and published letters of the author, as an inspiring material of the awakening of my subjectivity as essential element in the creative process.

Figura 1	O Medo , quadro de Clarice Lispector.....	11
Figura 2	Fragmentos do processo A galinha	13
Figura 3	A Estética da Periferia I - O Invasor	20
Figura 4	A Estética da Periferia II - Feios, Sujos e Malvados	21
Figura 5	A Estética da Periferia IV - Bosch	21
Figura 6	A Estética da Periferia III - Bruegel	21
Figura 7	‘Souvenir’ “Le tre età” – Gustav Klimt	45
Figura 8	A atriz: Marília Lila , teste de fotogenia.....	48
Figura 9	Seqüências: teste de fotogenia.....	50
Figura 10	Albúm (pessoal) de família.....	55
Figura 11	Anotações esparsas do processo de criação.....	57
Figura 12	Toda a Arte é Erótica - G. KLIMT.....	60
Figura 13	Carta de Clarice Lispector para o filho Paulo.....	65
Figura 14	Clarice Lispector com as irmãs e capa do ultimo livro.....	67

A lucidez perigosa¹

*“Estou sentindo uma clareza tão grande
que me anula como pessoa atual e comum:
é uma lucidez vazia, como explicar?
Assim como um cálculo matemático perfeito
do qual, no entanto, não se precise.
Estou por assim dizer
vendo claramente o vazio.
E nem entendo aquilo que entendo:
pois estou infinitamente maior que eu mesma,
e não me alcanço.
Além do que:
que faço dessa lucidez?
Sei também que esta minha lucidez
pode-se tornar o inferno humano
– já me aconteceu antes.
Pois sei que
– em termos de nossa diária
e permanente acomodação
resignada à irreabilidade –
essa clareza de realidade
é um risco.
Apagai, pois, minha flama, Deus,
porque ela não me serve para viver os dias.
Ajudai-me a de novo consistir
dos modos possíveis.
Eu consisto,
eu consisto, amém.*

¹ “**A Lucidez Perigosa**”, in: A Descoberta do Mundo, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 636

Capítulo I

Introdução - O processo até Clarice: A poética do cotidiano (EU).....	01
---	----

Capítulo II

Laços de Família: A Imitação de Clarice (NÓS).....	39
--	----

Capítulo III

A Via Crucis do Corpo: (ELA).....	49
-----------------------------------	----

Algumas considerações.....	68
----------------------------	----

Roteiros.....	71
---------------	----

- **A Mãe**.....72
- **Aqui passa o amor?**.....79
- **A Imitação de Clarice**.....83

Referências (bibliografia, filmografia...).....	93
---	----

O processo até Clarice: A poética do cotidiano (EU)

“Ler Clarice é viver em permanente estado de paixão.”¹

(Tereza Montero)

Paixão. Experiência. O processo até Clarice. Como iniciar a escrita? *“Estou me sentindo como se já tivesse alcançado secretamente o que eu queria e continuasse a não saber o que eu alcancei. Será que foi essa coisa meio equívoca e esquiva que chamam de experiência?”²*

Descrever o processo até Clarice, trazer esta coisa equívoca e esquiva que é a experiência anterior, durante e depois do mergulho na literatura de Clarice. Tantas coisas vivenciadas interiormente para exteriorizar, expressar e comunicar. A descrição da experiência torna-se uma tarefa tão árdua, o domínio do indizível? Ou aguardar o momento: de parir. Leio:

“Sou como qualquer outro escritor. Em mim, como em alguns que também não são apenas ‘racionalistas’, o processo de gestação se faz sem demasiada interferência do raciocínio lógico e quando de repente emerge à tona da consciência vem em forma do que se chama inspiração.”³

Processo de gestação, inspiração, parir. Sinto algo dentro de mim, uma vontade de escoamento, como uma comporta que se abre e vem, está vindo? Um jorro de palavras, sentimentos, emoções, o passado, a memória de uma vida, memórias e o imaginário, a vida.

¹ MONTERO, Tereza em **Ler Clarice é...** – artigo site Editora Rocco.

² LISPECTOR, C. In **Um Sopro de Vida: pulsações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

³ ROSENBAUM, Y. **Clarice Lispector**. São Paulo: Publifolha, 2002. (bilhete da C.L. direcionada a um professor de literature, p. 51).



Figura 1 - '**O medo**' – quadro de Clarice Lispector

"Pinto tão mal que dá gosto", disse Clarice Lispector. A descrição de "Medo", feita pela própria Clarice, conforme livro de Olga Borelli⁴:

"Pintei um quadro que uma amiga me aconselhou a não olhar porque me fazia mal. Concordei. Porque neste quadro que se chama medo eu conseguira por pra fora de mim, quem sabe se magicamente, todo o medo-pânico de um ser no mundo. É uma tela pintada de preto tendo mais ou menos ao centro uma mancha terrivelmente amarelo-escura e no meio uma nervura vermelha, preta e de amarelo-ouro. Parece uma boca sem dentes tentando gritar e não conseguindo. Perto dessa massa amarela, em cima do preto, duas manchas totalmente brancas que são talvez a promessa de um alívio. Faz mal olhar este quadro."

⁴ BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: Esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

Como eu chego até Clarice, ou como ela chega a mim?

A primeira vez, o primeiro contato, a primeira leitura foi na fase adulta, a mais conturbada. Final da graduação, final de ciclo, oca, perdida, sem saber para onde ir e o que fazer com esta coisa chamada vida.

Inicialmente representar ou interpretar uma personagem, um conto que falava sobre um cachorro, uma menina, uma tentação, não me lembro bem, a memória é sensação: o medo, a culpa e o desejo.⁵

Depois, criar a partir de outro conto “Um dia a Menos”⁶, novamente uma personagem e a memória é a solidão, solidão, solidão. O fracasso existencial que é a morte.

E depois.

Depois.

“Uma Galinha”, outro conto, outro processo de criação. Um Assentamento da Reforma Agrária, fazer um documentário coletivo, trazendo a subjetividade para o processo criativo. Novamente Clarice e suas imagens de Galinhas, penso em um ritual antropofágico que é para mim servir-me de Clarice para trabalhar: um ritual antropofágico, sinto-a dentro de mim pulsando.

Este foi um processo muito especial. Ao pensar a partir do conto⁷ “Uma Galinha”, as colegas do curso trouxeram ‘coisas’ para mim, textos, fotos, etc. E meu ex-companheiro também participou comigo da criação, era um momento de tantas possibilidades, promessa de fortalecimento dos laços de família.

⁵ Trabalho em grupo na disciplina Leitura e Produção de Textos, onde fui PAD (Auxiliar Didática) do Prof. Milton Almeida da Faculdade de Educação, ainda na graduação em Pedagogia.

⁶ Trabalho em Vídeo “Estréia”, realizado na disciplina (aluna especial) ‘O vídeo como instrumento de pesquisa e Criação’ ministrada pelo Prof. Fernando Passos.

⁷ Trabalho em Vídeo: Mulheres do Vergel, realizado na disciplina - Pesquisa de Campo e Instrumental Tecnológico.



Tentativa de Story-Board por Rafael dos Santos, 2005.

Roteiro: Uma galinha

Baseado nos contos: A galinha, O ovo e a galinha, Uma história de tanto amor

Atrizes: Eunice mata a galinha
Ileide cozinha a galinha
Cristiane serve a galinha

Mesa: família almoçando
Sr. Teixeira, Ileide, Elton, Cristiane,
Diego, Eunice, Grazianna, Isabela
Homerton, Kátia

Preparando a galinha:

- 1º Pegar as galinhas no quintal; - Sr. Teixeira
- 2º Matar a galinha - Sr. Teixeira mata
- 3º Limpar a galinha → ferver/rechear
- 4º Abate e temperar e cortar os pedaços
- 5º Arranjar Assar ou fazer inteiro
- 6º Servir
- 7º Comer

Minhas anotações/apontamentos do 'roteiro', 2005.



Galinhas prontas para o abate em andanças no Maranhão – por Kellen Junqueira, s/data.

Figura 2 - Fragmentos do processo *Uma galinha* no Assentamento Horto Vergel

Nossa truculência⁸

*Quando penso na alegria voraz
com que comemos galinha ao molho pardo,
dou-me conta de nossa truculência.
Eu, que seria incapaz de matar uma galinha,
tanto gosto delas vivas
mexendo o pescoço feio
e procurando minhocas.
Deveríamos não comê-las e ao seu sangue?
Nunca. Nós somos canibais,
é preciso não esquecer.
E respeitar a violência que temos.
E, quem sabe, não comêssemos a galinha ao molho pardo,
comeríamos gente com seu sangue.
Minha falta de coragem de matar uma galinha
e no entanto comê-la morta
me confunde, espanta-me,
mas aceito.
A nossa vida é truculenta:
nasce-se com sangue
e com sangue corta-se a união
que é o cordão umbilical.
E quantos morrem com sangue.
É preciso acreditar no sangue
como parte de nossa vida.
A truculência.
É amor também.*

Poema de Clarice Lispector que
ganhei da C. Harumi - durante as
aulas no Vergel, meados de 2005.

E aí vem 'A Imitação de Clarice'⁹, transcrição a partir do conto *A Imitação da*

⁸ "Nossa Truculência", in: *A Descoberta do Mundo*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 386

⁹ Roteiro está no final desta Dissertação.

Rosa” e a personagem que não entrega as rosas, subverte a ordem e come-as, uma a uma. E eu neste processo, ou partindo dele, inicio a gestação de minha personagem.

‘*Aqui passa o Amor?*’¹⁰ uma mulher no ponto de ônibus, um homem estranho, um estranho diálogo, solidão e desamparo por ambos não terem para onde ir, ou simplesmente não quererem ir a lugar algum, para onde acham que devem ir, ou têm que ir.

O Amor.

Sim, o amor, é com ele, e sobre ele, o desejo de possuí-lo, aprendê-lo, conhecer que o processo foi desencadeado em mim, como um disparador de percepção, minha cabeça, corpo, razão e emoção voltados para isto.

Pela primeira vez na vida senti a necessidade da totalidade na construção do conhecimento, compreendi que durante minha existência dei uma significativa importância para A experiência - penso nisto como a indissociabilidade entre a teoria e prática, e principalmente entre a razão e emoção; mas foi ao final do curso de Pedagogia que senti uma falha, uma lacuna em minha formação, tanto do ponto de vista profissional, como educadora, professora, como também como ser humano, mulher.

Logo após minha formatura, onde fui oradora e fiz um emocionado discurso a partir da minha leitura do livro “*Ensaio sobre a Cegueira*” do Saramago¹¹ - um livro que me marcou profundamente, na contra capa advertia:

“Cada leitor viverá uma experiência imaginativa única. Num ponto onde se

¹⁰ Trabalho em vídeo realizado na disciplina - cursada no Mestrado “A Visão Sincrética no processo de filmagem”, ministrada pelo Prof. Fernando Passos.

cruzam literatura e sabedoria, José Saramago nos obriga a parar, fechar os olhos e ver. Recuperar a lucidez, resgatar o afeto: essas são as tarefas do escritor e de cada leitor, face a pressão dos tempos e ao que se perdeu – “uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos”.¹²

Meu discurso, minhas reflexões ao final desta fase de formação como Pedagoga, convergiam para uma crítica à cegueira da Universidade, à falta de ‘afeto’ para com as pessoas, para com a vida. Por um lado estava satisfeita com minha formatura, ela vinha coroar o acesso que conquistei e o direito à Educação Pública que tive por toda a minha vida, meus pais, minha família, orgulhosos. Mas confessei a um amigo algo me inquietava em minha formação: *“Aprendi tantas coisas nesta experiência universitária, mas eu não sei amar. Isto parece tolo (ele ficou meio atônito, sem entender esta declaração), mas não saber amar me incomoda muito. Quero aprender.”*

Aprender para mim, sempre foi sinônimo de desafio, vivência, experiência e, consequentemente: processo de construção do conhecimento.

O amor. Veio a consciência como algo mais do que desafiador, assustador, inescapável, ou seja, algo que me aprisionava, uma obsessão de verdade com a promessa de desafio maior, insuperável.

Duas coisas marcaram esta demanda tão intensa em mim. Uma delas li em Paulo Freire no início do curso, sobre a educação como um ato de amor. Na época achei piegas, ‘cristão’; não compreendi como alguém que (confesso que estudamos muito pouco sua obra na FE/UNICAMP, mas...) destacava tanto em sua obra a

¹¹ SARAMAGO, Jose. **Ensaio sobre a Cegueira**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

¹² Ibidem.

Educação e a Política como indissociáveis, de repente falava de amor, um sentimento que eu considerava da esfera do privado, do indivíduo...que não tinha nada a ver como o materialismo-histórico que eu compreendia dentro de minha formação política, como a negação do amor, estes sentimentos subjetivos eram para mim uma fraqueza. Estas concepções vinham predominantemente do contexto em que fui gerada e criada dentro do Partido Comunista, com os pais operários que na ditadura militar tornaram-se militantes clandestinos. Especialmente meu Pai, que de torneiro mecânico, ex-ferroviário, semi-analfabeto, torna-se dirigente e um grande quadro político do Partido nos anos 70.

Ah! Meu Pai e o Amor ou a negação dele, na verdade (segundo ele) a construção do amor...

Meus pais se conheceram no final dos anos 60, ambos de famílias pobres e numerosas, migrantes do interior de São Paulo que foram morar nas periferias da grande metrópole. Ambos, sem escolaridade, foram trabalhar nas grandes metalúrgicas da Zona Sul de São Paulo; ambos filhos de 'mães-católicas-pastorais'; ambos foram recrutados e entraram na A.P. (Ação Popular), conheceram-se, namoraram e casaram. Tiveram duas filhas, um casamento fracassado, um aborto e a separação em favor da iminente revolução em que eles tanto acreditavam, sonhavam e lutavam.

Meu Pai casou-se mais duas vezes, teve mais uma filha e, após a abertura, no processo de democratização do país, questionou os rumos políticos, sua estrutura e seu funcionamento e acabou saindo do Partido. Foi estudar, segundo ele, para compreender por que a revolução fracassou; primeiro supletivo Santa Inês, depois História na UNIBAN (Universidade Bandeirantes – privada) e depois

Mestrado em Geografia na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Não seguiu carreira acadêmica porque a Política o chamou de volta, voltou a São Paulo para trabalhar com velhos camaradas de Partido que não estavam mais lá, estavam no Poder. Novamente, após um tempo, questionou os rumos políticos e acabou rompendo antes de corromper-se. Este novo ‘fracasso’ condenou-o a uma depressão crônica e um exílio voluntário na Praia Grande – balneário tradicional do proletariado paulista.

Minha mãe: solidão. Nunca mais se casou, namorou, nada. Faz 30 anos que se separaram.

Bem, mas quanto ao Amor: certa vez ao questionar meu Pai sobre o amor que tinha por nós, suas filhas, ele me devolveu o questionamento – *“Mas afinal o que é o Amor para você, como pode julgar-me, baseada em quê?”* Escreveu-me que o Amor era uma crença emocional e, como toda a crença, pode ser mudada, alterada, transformada. Esta declaração veio acompanhada de um livro-presente (por toda a vida meu Pai nos presenteou com livros, seu ensinamento maior sempre foi: *questione tudo, mas estude, leia para poder questionar, o conhecimento é nosso maior tesouro, aquilo que ninguém tira de nós e nos dá dignidade...*) “Sem Fraude, nem Favor: estudos sobre o amor-romântico”, do psicanalista Jurandir Freire Costa.

Confesso que nunca li o livro todo, por mais interesse que o tema e algumas passagens me suscitasse:

“Os artigos deste livro não pretendem oferecer soluções – se é que elas existem – para os dilemas do amor. Pretendem, simplesmente, sugerir outro modo de pensar a questão. A sugestão é que tentemos desfazer o monótono pêndulo que oscila entre a culpabilização dos indivíduos pelos fracassos do amor e a condenação da paixão amorosa como desvario institucionalizado. O

amor é uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. Tudo pode ser recriado, se acharmos que assim deve ser, em função do que julgarmos melhor para todos e cada um de nós.”¹³

O amor, meu Pai, recriar em função do que julgamos melhor para todos e cada um de nós, esta é uma essência plena que me mobiliza: a influência insuperável do meu Pai na minha formação existencial - da política, da cultura, do mundo. Mas o amor e as indagações em relação a este sentimento ficaram adormecidos em mim por muitos anos.

Durante a graduação em Pedagogia, me envolvi com o Movimento Estudantil e a experiência concreta com a política na Universidade me desencantou. Tudo o que mais queria era sair das cercas da universidade que, para mim tinha se transformado em uma Ilha da Fantasia. Ao final do curso entrei em um projeto de extensão universitária para trabalhar com cooperativas populares na periferia de Campinas. Neste período li um texto de Pasolini¹⁴ muito importante em minha formação e na compreensão da minha existência e das minhas escolhas,

“A educação que um menino recebe dos objetos, das coisas, da realidade física – em outras palavras, dos fenômenos materiais da sua condição social-, torna-o corporalmente aquilo que é será por toda a vida. O que é educado é a sua carne, como forma do seu espírito. A condição social se reconhece na carne de um indivíduo (pelo menos na minha experiência histórica). Porque ele foi fisicamente plasmado justamente pela educação física da matéria da

¹³ COSTA, Jurandir Freire. **Sem Fraude nem Favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 12.

¹⁴ PASOLINI, P.P. **Genariello: A linguagem pedagógica das coisas** Em *Os Jovens Infelizes: antologia de ensaios corsários*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

qual é feito seu mundo.”¹⁵

Meu mundo? Objetivamente, para mim meu mundo não ‘experimentava’ o amor; tanto que ao me formar, escrevi um projeto ao o mestrado, apresentado no OLHO (Grupo de Estudos e Pesquisas Audiovisuais da Faculdade de Educação) – A Estética da Periferia, tendo como referências artísticas, os filmes “*O Invasor*” do Beto Brant e “*Feios, Sujos e Malvados*” de Ettore Scola e as pinturas de *Bruegel e Bosch*. Este era o meu mundo ou o mundo com o qual me identificava. E nele, para mim, não existia amor: era feio, cruel, repleto de contradições e de uma brutalidade constante. Durante a graduação pesquisei na Iniciação Científica e depois fiz minha Monografia sobre Estigma Racial: práticas e representações, na escola, no cinema e na televisão, mergulhando na bibliografia sobre o racismo e nos filmes do Spike Lee.

Meu mundo era o mundo das desigualdades sociais, da injustiça, da opressão, a sociedade de classes, de consumo, o capitalismo perverso, etc, etc, e a urgência da luta para combatê-lo. Nasci nos anos de chumbo, meus pais clandestinos temendo pela vida, a morte perseguindo-os e encurralando-os, sem família, sem liberdade, com medo, medo, medo de tudo. Amparando-os o sonho, projeto de um mundo melhor. Um mundo melhor, o que seria um mundo melhor?

Melhor, pior, bom, ruim, bonito, feio. A educação maniqueísta, a educação, a memória, a percepção, nosso olhar, entendimento. Tudo construído historicamente, construído a partir do que, de quem? Do que julgamos melhor para todos e para cada um de nós?

¹⁵ Ibidem, p. 127.

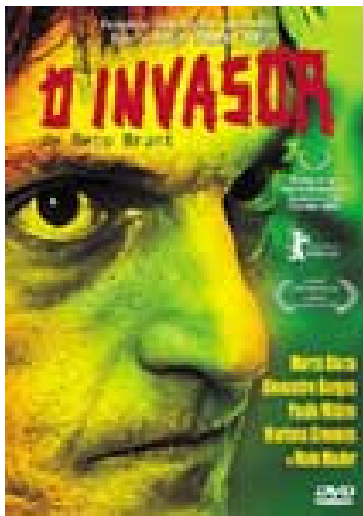


Figura 3 – A Estética da Periferia – Imagens de divulgação e cena do filme **O Invasor** de Beto Brant

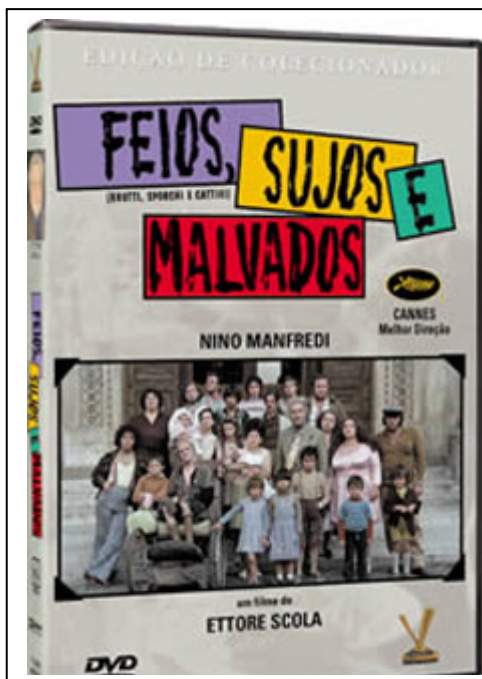


Figura 4 – A Estética da Periferia II - DVD e Cena do filme **Feios, Sujos e Malvados** de Ettore Scola.



Figura 5 – A Estética da Periferia IV – **Hieronymus Bosch** (1450 – 1516)



Figura 6 – A Estética da Periferia III – Pieter Bruegel - O Velho (1525-1569)

Ah! A tensão da memória revisitada, recriada, imaginação ativada a fim de preencher as lacunas que o tempo apaga dos fatos repletos de frustrações. Dores e amarguras, o fracasso que todos estamos condenados, como disse, sábia, uma personagem de Clarice:

“Via-se que havia fracassado. Como todos nós. Ele me perguntou se podia ler para mim um poema. Eu disse que queria ouvir. Ele abriu uma sacola, tirou de dentro um caderno grosso, pôs-se a rir, ao abrir as folhas.

*Então leu o poema. Era simplesmente uma beleza. Misturava palavrões com as maiores delicadezas. Oh Cláudio – tinha eu vontade de gritar – nós todos somos fracassados, nós todos vamos morrer um dia! Quem? Mas quem pode dizer com sinceridade que se realizou na vida? O sucesso é uma mentira.”*¹⁶

Lembrei deste conto, porque este trecho ressoou dentro de mim ininterruptamente por meses. Um misto de culpa e alívio, culpa pelos erros, pelo medo, pela covardia cotidiana mas, agora aliviada pela revelação banal do fracasso inerente a todos e com consciência ou não presente, intenso no dia após dia, no “um dia a menos”, no intervalo irrefutável que é do nascimento à morte, a certeza da finitude, de que vamos morrer e, pior, sem saber como, quando, onde. O desconhecido nos domina e o sucesso é uma ilusão, uma idéia, uma convenção, muda a partir do ponto de vista, do contexto histórico, etc.

O fracasso é uma tentação.

Não entrei no Mestrado na Faculdade de Educação, meu projeto não foi aceito e fiquei um tempo sem projeto nenhum, até que veio uma gravidez inesperada, um casamento conveniente e o desafio do amor cotidiano nos laços de

¹⁶ LISPECTOR, Clarice. **O Homem que apareceu**, p. 51-57. *A via Crucis do Corpo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

família.

Neste contexto comecei a ler Clarice Lispector como louca, queria tudo dela, os romances, os contos, as crônicas...

Mas e o amor? O amor passou a ser minha tentação maior, me afastei da política e deixei as questões que me inquietavam na minha relação com meu Pai, naqueles textos do Paulo Freire, deixei tudo emergir, um combustível idealizado no desespero de transcender o cotidiano, preenchendo-o com Arte, com o mundo das palavras de Clarice.

“Ai, palavras, palavras, objetos do quarto alinhados em ordem de palavras, a formarem aquelas frases turvas e maçantes que quem souber ler, lerá. Aborrecimento, aborrecimento, ai que chatura. Que maçada. Enfim, ai de mim, seja lá o que Deus quiser. Que é que se havia de fazer. Ai, é uma tal coisa que se me dá que nem bem sei dizer. Enfim, seja lá bem o que Deus quiser.”¹⁷

Fui tomada por inteiro pelas palavras de Clarice: como dar vazão a um preenchimento tão completo da alma por suas imagens de mulheres, muitas delas devaneando em meio a cotidianos maçantes? Sem resistência, entregar-me e buscar uma forma de expressá-las, compartilhá-las...

E, para isto, coloquei-me na posição privilegiada de leitora-pesquisadora e nisto o Mestrado acabou virando um grande desafio pessoal, onde além de ser tomada pelas muitas imagens do texto, perdi-me em devaneios sobre aquilo que lera, a fim de desencadear minha criação artística.

Inicialmente os devaneios vieram esparsos e cautelosos, porém senti a força e a potência desencadeadora das palavras sobre a percepção doméstica, estas

¹⁷ LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família: Devaneio e embriagues duma rapariga*. p.16-17.

trivialidades vivenciadas por todos, mesmo considerando a distância temporal da época da escrita do conto.

A fim de desencadear os tão potentes devaneios que a leitura dos contos de Clarice me provoca busco a ajuda de Bachelard (1988), que no livro *A Poética do Devaneio*¹⁸, tem um capítulo todo especial, *devaneios sobre o devaneio*, onde discorre sobre os devaneios desencadeados pelas palavras, em particular sobre as palavras femininas.

A forte identificação com a vasta bibliografia de Clarice Lispector me colocou a necessidade de um recorte, e o que mais me tocava ou se aproximava de minha realidade, no contexto do cotidiano e sua poética, encontrei em *Laços de Família*.

Laços de Família, publicado em 1960, foi a consagração pública da escritora como contista, após três romances publicados anteriormente. Dos treze contos reunidos no livro, seis já haviam sido publicados em 1952 em *Alguns Contos*. Porém é com *Laços de Família* que a contista vem à luz e arrebatada crítica e público.

Conforme Yudith Rosebaum,

*“Pelo menos dez dos treze contos tratam do mundo feminino, das difíceis relações entre as mulheres oprimidas em seus restritos cotidianos e das fendas abertas por devaneios, fantasias, acasos e epifanias, que tensionam a rigidez da ordem doméstica. As marcas ideológicas e repressivas da cultura vão sendo desveladas em meio às ambigüidades das personagens, divididas entre deveres e anseios.”*¹⁹

Ao dedicar-me à leitura mais atenta destes contos, encontrei o material inspirador que buscava e fui tomada de êxtase pela percepção de um cotidiano repleto de possibilidades referentes a alterações de percepção, onde as

¹⁸ BACHELLARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 33.

¹⁹ ROSENBAUM, Y. Clarice Lispector. São Paulo: Publifolha, 2002. p. 68.

personagens se deslocam entre a alienante rotina e um mundo que se abre em epifania. A epifania me fascinou.

*“O momento epifânico é uma experiência crucial na obra clariciana. A epifania (do grego **ephiphaneia**, “aparição”, “manifestação”) pode referir-se a dois fenômenos diferentes. No plano místico-religioso, diz respeito ao aparecimento de uma divindade ou de uma manifestação espiritual, a palavra surge descrevendo a aparição de Cristo aos gentios. No plano literário, refere-se à súbita iluminação advinda das situações cotidianas e dos gestos mais insignificantes. O êxtase decorrente de tal percepção atordoante geralmente é fugaz, mas desvela um saber inusitado, uma vivência de totalidade grandiosa, que contrasta com o elemento prosaico que a motivou. Do que já vimos da obra da autora, é do próprio **habitat** familiar que irrompe a revelação epifânica, expulsando as personagens de uma familiaridade asseguradora. A vivência pode ser seguida dos sentimentos mais paradoxais: náusea, fascínio, angustia, exaltação, etc. Em *Laços de Família*, a experiência epifânica reaparecerá em vários contos: a visão de algumas rosas no vaso, em “A Imitação da Rosa”; a freada de um táxi gerando um encontro corporal entre mãe e filha, em “Os Laços de Família”; ou a troca de olhares entre a mulher e um búfalo durante o passeio ao zoológico, em “O Búfalo”. Em todos eles, uma inusitada revelação surge de tais desencadeadores, podendo gerar sobressaltos, assombros, loucura, sabedoria, transformação.”*²⁰

A poética do cotidiano em Clarice Lispector para mim, é essencialmente esta revelação epifânica, me remetendo ao que diz Adélia Prado “A poesia não é a revelação do real? Eu só tenho o cotidiano e meu sentimento dele.”²¹

No conto “Amor”, considerado exemplar desta arquitetura clariciana, Ana, a personagem, tem sua revelação epifânica ao deparar-se com a visão de um cego mascarando chiclete, desmoronando toda a ordem cotidiana em que ela estava e lançando-a em um sentimento do mundo tão intenso e profundo. Creio ser algo que

²⁰ Ibidem, p. 68-69.

remete a “*Lucidez Perigosa*” que abre esta dissertação, onde só o acolhimento do marido, a lembrança dos filhos e toda a carga de sentido social e cultural que isto tem na vida de uma mulher a mantem ‘segura’, conforme passagem final do conto “(...) *segurou a mão da mulher. Levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver.*”²², este desfecho ao meu ver é a personagem resignando-se a ordem doméstica e assim consistindo de modo possível.

Em diversos livros: romances, contos ou mesmo nas crônicas, Clarice se dirige a Deus, questiona a existência e clama fervorosamente em algumas passagens para resignar-se a realidade cotidiana.

Neste processo de criação artística e de transcrição do universo literário para a linguagem audiovisual, inicialmente procurei no texto, no roteiro para o vídeo minhas imagens de *Laços de Família*, mas acabei mergulhando tão fundo em um universo feminino o qual ressoou dentro de mim, tantas inquietações.

É em relação às mulheres que me perco em devaneios, pois me identifico com as personagens, sinto-me embriagada por uma lucidez perigosa que questiona, que se inquieta, com esta existência repleta de deveres e anseios, mas sempre à beira de uma solidão assustadora, pois a mulher só não consiste de modo possível, ela também se perde entre o sentimento de pertencimento social, mãe, esposa, a responsável pela reprodução da vida e as indagações sobre que vida está reproduzindo, que tarefas lhe cabem, que prazer a existência lhe proporciona.

Sinto a rapariga portuguesa dentro de mim, “*acordando com o dia atrasado, as batatas para descascar, os miúdos* (meu só um, miúdo) *que voltariam à tarde das*

²¹ PRADO, Adélia. Em Resumo biográfico e bibliográfico. Site Releituras.

²² LISPECTOR, C. *Laços de Família: Amor*, p. 29.

*titias, ai que até me faltei ao respeito! Dia de lavar roupa e cerzir as peúgas, ai que vagabunda que me saíste!*²³ Amanhecendo esquisita nos dias de folga, ou nos momentos de entrega aos devaneios, onde as obrigações são postas de lado e é permitido até embriagar-se, “*pois as palavras que uma pessoa pronunciava quanto estava embriagada era como se estivesse prenhe – palavras apenas na boca que tinham a ver com o centro secreto que era como uma gravidez. Ai que esquisita estava. No sábado à noite a alma diária perdida, e que bom perdê-la, e como lembrança dos outros dias apenas as mãos pequenas tão maltratadas.*”²⁴

*“E os prazeres do casamento, muitas vezes expressos num “muxoxo amuado, importunada, que não me venhas a maçar com carinhos; desiludida, resignada, empanturrada, casada, contente, a vaga náusea.”*²⁵

Me pergunto que poética é esta que busco na leitura de Clarice, onde a inquietação me abala profundamente, me vejo em suas personagens, com suas angústias e dores...me vejo em:

“Era a tristeza. Os dedos do pé a brincarem com a chinela. O chão lá não muito limpo. Que relaxada e preguiçosa que me saíste. Mas depois de amanhã aquela sua casa havia de ver: dar-lhe-ia um esfregaço com água e sabão que se arrancariam as sujidades todas! A casa havia de ver! Ameaçou ela colérica. Ai que se sentia tão bem, tão áspera, como se ainda estivesse a ter leites nas mamas, tão forte. Quando o amigo do marido a viu tão bonita e não sabia onde havia de fitar os olhos. Ai que tristeza. Que é que há de fazer. Sentada no bordo da cama, a pestanejar resignada. Que bem que se via a lua nessas noites de verão. Inclinou-se um pouquinho, desinteressada, resignada. A lua. Que bem que se via. A lua alta e amarela a deslizar o céu, a coitadita.

²³ LISPECTOR, C. **Devaneios e embriagues de uma rapariga** em *Laços de Família*, p. 9-18.

²⁴ Ibidem.

²⁵ Ibidem.

A deslizar, a deslizar...Alta, alta. A lua. Então a grosseria explodiu-lhe em súbito amor: cadela, disse a rir.”²⁶

A rapariga entre o devaneio e a embriaguez sou eu. Tentando resignar-me e compreender porque vivemos em meio a tanta banalidade existencial, porque somos consumidos por uma rotina tão alienada e porque tendemos a não entregarmo-nos aos devaneios, temendo-os não conseguirmos mais sair, em meio a uma lucidez que nos reserva um não-lugar, as suspeitas de loucura ou excentricidade.

Muitas pessoas me questionaram, eu mesmo questioneei-me sobre a relevância de mergulhar na literatura de Clarice Lispector, dentro de um contexto acadêmico de pesquisa, principalmente por todas as minhas amarras racionais sobre o mundo e que descrevo um pouco no início deste trabalho. Em geral reservei as respostas prontas e superficiais – mesmo sendo verdadeiras: que é por conta da linha de pesquisa, do desenvolvimento da linguagem audiovisual e a inspiração que a literatura dela me provoca.

Porém, aprofundando e permitindo entregar-me aos devaneios que livremente me cabem neste texto, o mergulho se dá pela necessidade de aceitar, de aceitar que viver é o que disse Clarice:

“Não se preocupe em entender. Viver ultrapassa todo entendimento”.

Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre tão limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, do modo como falo, é um dom. Não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma benção estranha, como ter loucura sem ser

²⁶ Ibidem.

*doida. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco. Não demais: mas pelo menos entender que não entendo.”*²⁷

Não entendo tantas coisas, tantos sentimentos que nos tomam na vida cotidiana, na rotina, nos deveres, nos anseios, nos amores e desamores que deixo-os não à perspectiva do entendimento racional, mas à uma compreensão sentida, vivida, compartilhada entre eu e a rapariga portuguesa, assim como com outras personagens.

A essência do meu cotidiano é o processo de conhecimento e do auto-conhecimento. Esta premissa permeia toda uma liberdade de seguir minhas escolhas, mais do que meus impulsos: trabalhei, estudei, quis amar e com isto encontrar, como, Ana as bases que queria, casei e tive um filho, sempre buscando, mais do que entender, sentir o amor, assim como a personagem do conto Amor:

“No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera com ele eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo

²⁷ Clarice Lispector. **Não entender**, crônica publicada em 01.02.69. In *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 172.

*enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e escolhera.”*²⁸

Ao assumir, no Mestrado, um projeto tão visceral para mim, “A Poética do Cotidiano em Clarice Lispector”, a fim de desenvolver uma linguagem audiovisual, fiquei muito sensível ao dia-a-dia e, inquieta me deparei com um projeto da CPFL, um Núcleo de Artes Plásticas e fui fazer um curso durante Março-Abril de 2005, chamado Práticas e Poéticas do Cotidiano. Este curso, ministrado, por arte-educadores, tinha a proposta de, através do registro do cotidiano, nos fazer produzir artisticamente através de expressões plásticas.

Registrei meu dia-a-dia durante o primeiro mês e ao final do curso produzi um “livro”, com todo o processo do curso e minhas referências constitutivas: artísticas, filosóficas e literárias.

O diário se chamava: **Percepções poéticas do cotidiano**. Ao escrevê-lo não tinha a menor intenção de expô-lo, ou melhor, de expor-me. Era somente um registro, mas foi uma experiência profunda e resolvi incluí-lo na dissertação como parte do processo:

- 19 de março: Início do curso, lindo dia, uma fita de música velha, memória afetiva musical, saudades de um tempo, dos sentimentos...bem o curso, um grupo novo, oito encontros, grandes porém despretensiosas expectativas, afinidades e sensações artísticas com alguns artistas e Lygia Clark. Impregno-me dela! Almoço com uma amiga...trabalhos domésticos e a musicalidade cotidiana, “Gotam Project”...cinema com meu amado por tantas vezes odiado, “Machuca”. Filme chileno, lindíssimo que me toca

²⁸ Ibidem, p. 20.

profundamente...saio e fico com a alma machucada.

- 20 de março: Trabalhos Domésticos e música, música, música...tento desvencilhar-me da obrigação...poetizar! Mas sinto-me cansada. Uma conquista: amor matinal...o desafio constante, latente, amar, dar-se. Lembro-me da Clarice e seu fragmento de crônica que li por estes dias, *“Há três coisas para as quais eu nasci e para quais dou minha vida. Nasci para amar os outros, nasci para escrever, e nasci para criar meus filhos. O ‘amar os outros’ é tão vasto que inclui até perdão para mim mesma, com o que sobra. As três coisas são tão importantes que minha vida é curta para tanto. Tenho que me apressar, o tempo urge. Não posso perder um minuto do tempo que faz minha vida. Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca. (...) Quanto a meus filhos, o nascimento deles não foi casual. Eu quis ser mãe. Meus dois filhos foram gerados voluntariamente. Os dois meninos estão aqui, ao meu lado. Eu me orgulho deles, eu me renovo neles, eu acompanho seus sofrimentos e angústias, eu lhe dou o que é possível dar. Se eu não fosse mãe, seria sozinha no mundo. (...) Sempre me restará amar. Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que pode me trair e me abandonar: posso um dia sentir que já escrevi que é o meu lote neste mundo e que eu devo aprender também a parar. Em escrever eu não tenho nenhuma garantia. Aos passo que amar eu posso até a hora de morrer. Amar não acaba. É como se o mundo estivesse à minha espera. E eu vou ao encontro do que me*

*espera*²⁹.”

- Passei a tarde estudando: textos antropológicos, meu filho a desprezar-me por me ausentar...fico surpresa e com medo de tão geniosa presença no mundo, tão pouco tempo de vida e tanta intensidade, assusta. Meu pai adoeceu...depressão, minha irmã mais velha me surpreende tomando à frente para ajudar a ele e a nós, somos três irmãs, mulheres fortes, cheias de amor e de mágoas. Resolvo escrever uma carta contendo três epígrafes: Denise Stoklos e um trecho de Calendários de Pedra, Clarice Lispector e a reflexão sobre o ‘amar aos outros’ e Lygia Clark.
- 21 de março: Acordo desejando buscar os fragmentos de Lygia Clark que encontrei no curso sábado e faz parte da carta ao meu Pai que comecei a escrever...passa o dia e não os encontro. Estou sem tempo, com a energia roubada...12-13 h – Condicionamento físico e um corpo enferrujado, ou melhor dormindo, hibernando e buscando despertar. 13-14 h – Banho gelado, almoço corrido...14-17 h – Vampirismo, sinto-me tão frágil, dependente de um trabalho servil, é como se tivesse que caminhar por uma rua estreita, que não leva a lugar algum, de olhos fechados a ouvir constantemente ordens distorcidas e simultâneas com intervalos onde respiro fundo e repito “até aqui tudo bem”, odeio esta condição.

Tantas dívidas, deveres e caras necessidades que transformam o cotidiano numa inevitável prisão? Não sei...tenho consciência que “somos prisioneiros de nós mesmos”...encontrar a saída eis a questão! A noite em casa...trabalhos domésticos...sem música, TV e lamentos, energia ruim, João sofre e a mamãe

²⁹ LISPECTOR, C. “**As três experiências**”, In *A descoberta do mundo*, pp. 101-102.

também...

- 22 de março: Cai uma chuva torrencial, há horas chove tão intensamente que temo dormir...sinto-me tão cansada, estudar, trabalhar, amar o companheiro, o filho, suportar a falta de dinheiro e a falta de vontade. Continuo impregnada por Lygia Clark, pego na Biblioteca um livro sobre Lygia Clark: obra-trajeto de Maria Alice Milliet, interessante, mas falta alguma coisa ou melhor, não me satisfaz...falta a escrita compulsiva da artista que tanto me tocou. Mesmo assim fico pensando na Poética do Corpo onde a autora inicia com *“A dialética básica de Clark é a tensão entre dentro e o fora, o eu e o outro, o intelectual e sensório, o prazer e a realidade. A arte como consolo, como refúgio, como prazer sublimado, contrapõe a criação como liberação do reprimido, como corpo ressurecto (?) em agenciamento coletivo.”*³⁰ Ah! Tão complexo!
- Termina o Jornal da Globo, violência e terror ideológico ao extremo. Não posso evitar, fico chocada, novo massacre em um colégio nos EUA, um garoto de uma família desestruturada e fã de Hitler, 15 mortos. E, aqui no Brasil, sequestros, sequestros e morte, em Vitória um universitário assassinado com requintes de crueldade e, a maior das ironias tecnológicas, tendo o celular como testemunha de seus últimos momentos: o assassino gravou tudo pelo celular da vítima. Inicia o programa do Jô, deprimente babando na Sabrina (ex- Big Brother, capa da Playboy), show de horrores na TV. Desisto e vou dormir.
- 23 de março: *“Cada vez que ataco uma nova fase de minha obra,*

experimento todos os sintomas da gravidez. Desde que a gestação começa, eu tenho as verdadeiras perturbações físicas, a vertigem, por exemplo, até o momento em que chego a afirmar meu novo espaço-tempo no mundo. Isto se produz na medida em que chego a identificar, reconhecer esta nova expressão de minha obra em minha vida todos os dias.” (Lygia Clark, 1964: Caminhando) “Esse reconhecimento, essa identificação mencionada por Lygia é a integração da imagem poética a linguagem e a constatação da força renovadora desse acoplamento. Arte e vida, visceralmente imbricados, criação encarnada que tem no sensível não um obstáculo a ser vencido pelo ‘cogito’ mas uma verdade primeira a ser metabolizada. Sintonia que ocorre na intimidade do corpo, que se produz no recôndito do ser. Germinação, crescimento e desdobramento externo como princípio não esquizóide de toda a criação. O sonho, o devaneio e até mesmo a alucinação são experimentados por Lygia Clark como revelação, aproximando o olho do artista do olho vidente. ‘Iluminação profana’ como diria Walter Benjamin, a clarear o invisível. Mergulho no domínio do ‘figural’, livre do tempo e da ordem lógica onde o espaço pode abrigar todas as fantasias. A imaginação, ao entrar no mundo codificado da linguagem, se converte em arte, artifício, artefato, artimanha. O acesso ao inconsciente lhe dá insights traduzidos no viver cotidiano e no fazer artístico. Esta tradução nunca ‘literal’ é a expressão de logos poético. (...) Os devaneios a que Lygia se entrega, atravessando de trem uma paisagem ou contemplando a fumaça de seu cigarro, lhe dão o entendimento da totalidade fragmentada do tempo. Os quadros sucessivos da

³⁰ MILLIET, Maria Alice Milliet. **Lygia Clark: obra-trajeto**. São Paulo: EDUSP, 1992.

*paisagem, o aniquilar e o refazer contínuo da fumaça ilustram a força imanente do momento. O presente é percebido como constante nascimento, passagem única para o passado e para o futuro.”*³¹

- Hoje o dia exigiu de mim: Coragem e serenidade.

Fico querendo encontrar o caminho das rupturas, romper com este trabalho estressante e com tudo que me força a uma resignação doída.

Aula do Fernando, a turma cresceu e eu me esforcei a permanecer calma com tudo. Meus sentimentos em relação a ele e aos outros alunos são um misto de gosto e desgosto; mas acho que teremos resultados intensos, fazer um documentário em um Assentamento com 20 olhares diferentes, singulares de uma mesma realidade, cada um buscando a sua – pessoal, expressão poética.

- 24 de março: Acordo com chuva e vejo-a caindo o dia todo, um dia molhado e carregado de intolerância cotidiana entre um casal que se ama (?) Após toda a água da chuva, das lágrimas de um choro histérico e desesperado, decido que resta o rompimento e esta perspectiva me dá um certo alívio de vida possível, de novos amores, sinto-me tão feliz. A liberdade (Clarice Lispector) como pensou Joana, ou o narrador de Joana que sempre é a maldição de não deixar que se ligue a nada. Não sei porque lembrei disto...Perto do Coração Selvagem. Viajo para São Paulo, visitar a família, rever os amigos...Saudades!
- 25 de março: Família, família, família em dose homeopática é tão prazeroso, rever, ouvir as novidades, fazer fofoca...

³¹ Ibidem, pp. 32-33.

- 26 de março: Acordar cedo, viajar. Um sentimento tão gostoso de pertencimento, talvez de estar no lugar certo na hora certa, para quê, não sei...Processos desencadeados...Experimentos com desenho, um traço perdido ou nunca encontrado, experiência com o olhar e registrar, mas depois como expressar, angústia, sentimento de inferioridade e o ranço de classe, a falta de acesso em muitas linguagens, **o corpo**.
- 27 de março: Domingo de páscoa, estar com a família tão sem significado simbólico, vou almoçar com a Carol, tão bom, tantas afinidades. Fico sem carona para voltar para Campinas, desmorona a última torre do castelo de areia que se tornou minha união como o R., tão frágil...Crônica de uma morte anunciada? Mergulho em Frida Kahlo, ressoa em mim fragmentos dos poemas de Hilda Hilst, Desejo...

“Quem és? Perguntei ao desejo.

Respondeu: lava.

Depois pó.

Depois Nada.”³²

E fico querendo as palavras cheias de humor e de fé ou de uma tranqüila resignação de Adélia Prado sobre o cotidiano.

No finalzinho da noite um presente, o filme *O Piano* na televisão, uma surpresa que me reaquece a alma! Tão lindo...A música, as imagens, a explosão do desejo...Dentro de mim saudades, velhos e novos devaneios e uma vontade intensa de libertar-me de amarras profundas que aprisiona a

essência que estou buscando. O caminho: **a solidão, o corpo, o amor.**

- 28 de março: Passo o dia como de ressaca, sinto-me cansada e sem energia. Dentro de mim alterna a lava de velhos e novos devaneios com o pó e inevitável, nada que a realidade expõe sem artifícios...ah! Fecho os olhos tentando encontrar imagens, palavras, sensações e o escuro me vence.
- 29 de março: Acordar cedo, o corpo moído pelas poucas horas de sono, ter bom humor, afeição, carinho para cuidar do meu pequenino João e dar uma trégua para o meu R. O carro não pega, pego carona e chego atrasada na aula, sinto-me tão comprometida com as aulas, incomoda-me atrasar-me. Bem com o Prof. Etienne: sotaque francês, personalidade espirituosa, antropologia, fotografia e índios. Panorama da Antropologia para situarmos, o tema me interessa, mas estou cansada, dispersa, o pensamento voa...Minha cabeça ferve...Estou muito excitada com o diário, a possibilidade de botar para fora com objetividade e também com a possibilidade de visualizar as referências com maior consciência.

Vou almoçar com uma amiga, tão bom, além das afinidades, a experiência comum: a maternidade.

Depois trabalhar, um suspiro desolado...

Depois...Mais uma briga, a iminência da separação, sempre. E fico sem paciência e sem tesão para com o João...Estou tão cansada, dormi mal e o dia foi tão longo...ah! Queria poder sumir...Não vejo saída para nós, acho que o desgaste corroeu a possibilidade de convivência. Angústia, tristeza, vontade

³² HILST, Hilda. **Do desejo** (trechos) In *Os Cem Melhores poemas brasileiros do século*. Ítalo

de arrebentar em pranto...

- 30 de março: Tenho um dia relativamente bom, cumpro tudo e tive uma certa excitação na aula, estou empolgada com a idéia de um documentário subjetivo e singular em um assentamento, um Horto em Mogi Mirim...Enfim, passei bem o dia, depois peguei o João na creche, encontrei com a Renata na capoeira, fomos ao mercado e depois tomar café na Carol Ladeira. O namorado dela stressou (desentendimentos do casal) e foi embora, fiquei deprimida, porque as relações são tão difíceis? Deixo a Rê na casa de uma amiga e venho com o João para casa, está uma zona, a pia a transbordar e o João a chorar...Resta-me chorar também, chorar de tristeza, desolação com a falta de percepção, consideração...Enfim desisto e durmo com meu pequenino.
- 31 de março: Trabalho de manhã, saio de casa após outra briga, fico pensando porque tinha que vivenciar isto, um sentimento, amor (?) sendo apodrecido pelo dia-a-dia, embolorando no cotidiano que sem piedade salienta nossas tantas diferenças...Almoço (por coincidência) com amigas da ITCP³³, por pouco não as encontro para substituir a Stella (lícença gestante/maternidade) e ter mais “paz” neste finalzinho de tempo trabalhando com a Sonia. Aliás já tenho substituto, sorte para ele...Estou até muito “tranqüila” para a tão negra situação financeira em que estou, se lá uma intuição anda me aquecendo a alma...E, por falar em alma, fui no Paradiso assistir Jornada da Alma³⁴, tão lindo, fiquei impregnada do filme, Sabina

Moriconi (Org.) Rio de Janeiro, 2001.

³³ Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, projeto de extensão universitária, onde trabalhei de 2002 à 2005, como monitória de Educação Popular.

³⁴ **Jornada da Alma** (Prendimi L'Anima), direção Roberto Faenza, 2003.

Spielrein! João e eu...(jantamos com a Pri e o Chico).

- 01 de abril: O João vai viajar para Minas com os tios, fico feliz por ter uma liberdadezinha no final de semana, mas também sinto uma saudade antecipada, ele está cada vez mais lindo, intenso e presente em mim.

De café da manhã: tentativa frustrada de diálogo e discussão, intolerância e a fúria. Um copo a explodir no chão... Sinto o impulso de avançar nele, ele reage, eu recuo mas provoco-o... Horrível. Vou para a cozinha e quebro pratos, copos...Sinto alívio, prazer e desespero...tudo junto. Tomo um banho e rendo-me...Frágil, peço ajuda a ele, **peço amor**.

Estou cansada, queria poder expressar tudo isso, tantas emoções contraditórias...Raiva e amor, segurança e desamparo, liberdade e solidão e medo...Medo de ultrapassar a tênue fronteira da loucura.

Vou trabalhar, sinto-me sugada. Perco o condicionamento físico. Vou a aula: “O Nascimento de uma Nação” e sua trilha original. Tento mas a minha dor de cabeça... Desisto. Saio e fico na Internet ouvido a trilha do filme “As Horas”...

Em casa fico desolada e só.

Tento pensar no curso, em Práticas e Poéticas do Cotidiano, pego as referências que busquei ao longo da semana: Clarice Lispector, Adélia Prado, Hilda Hilst, Frida Kahlo, Denise Stoklos, Lygia Clark e também Sabina Spielrein, mulheres que sofreram todas esta dor que estou sentindo sendo.

Ele chega e vem cuidar de mim, sinto-me novamente amada...Mas basta? Nada basta.

- 02 de abril: *“Quero escrever-te como quem aprende, captar o instante já.”*³⁵

Por quê sempre esta angústia como uma prisão? Angustia de ser com tanta imperfeição, desejo, dependência e medo...Medo de se expor, do ridículo, da rejeição...

*“Sonho que entro numa estufa de flores e alguém me avisa gritando -Saia daí imediatamente! existe no coração tantas sementes que, se você ficar aí mais tempo, elas brotarão expandidas tão rápida para fora que arrebentarão seu peito!’ Fujo dali, correndo. Mas envolta em perfume, para o resto da minha vida.”*³⁶

O curso mexe muito comigo... Inquieto-me e fujo pelos caminhos da palavra.

O carro quebra e fico abandonada por horas na D. Pedro... O guincho e o mecânico me animam um pouco, gentileza, sinto uma energia boa que me reconforta. Fico em casa, segura, esperando-o. Mesmo com tantos problemas me sinto bem e entrego-me a ele.

- 03 de abril: Acordo cedo para a visita ao Assentamento Horto Vergel. No trajeto releio “O caminho do campo”³⁷ de M. Heidegger e fico muito impressionada, lindo texto e que loucura buscá-lo neste momento, despertada pelo Professor, sua leitura me sensibiliza muito e a visita é agradável, porém não consigo vislumbrar as imagens, os devaneios não vêm, acho que porque nos reunimos com os líderes (todos homens) e os grupos de jovens e as mulheres que também estavam na celebração. Depois da reunião vamos

³⁵ Lispector, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Artenova, 1973. In *Cadernos de Literatura Brasileira*, Instituto Moreira Salles, números 17 e 18 (edição especial) Dez, 2004.

³⁶ STOKLOS, Denise. **Calendários da Pedra**, 2001.

embora dando uma pequena volta no lugar, um reconhecimento (breve) do espaço. Chego em casa e fico para fora, ah! o R....Vou ao mercado, faço um lanche, volto para casa, e encontro-o preparando o almoço, ah! Sempre nos desencontramos...Durmo o resto da tarde, tão bom. João chega no começo da noite, tão lindo, esperto... de havaianas novas, ficamos todos felizes.

Hoje é aniversário da Luciana, minha irmã, falo com ela por telefone, minha mãe fez um bolo com Milharina, fico feliz, serena em relação à Lú e o respeito que ela vem conquistando na sua luta cotidiana em ser mais.

Na TV só tem a morte do Papa, chega a me enojar tanta hipocrisia. Termino mal a noite.

- 04 de abril: O dia é tortuoso...Sem carro, sem dinheiro suficiente e sem perspectivas, sinto-me caindo em um buraco fundo ou melhor sem fundo. Apesar deste panorama tenho tanta energia que até me surpreende...Estudo pela manhã, vou para o condicionamento físico, almoço no bandejão e vou para a FEAGRI. Ao chegar vejo minha chefe ao longe e já me dá calafrios...Mas ela está doce e terna hoje. A tarde passa voando e na hora de buscar o João cai uma grande chuva, mas a Julieta me empresta o carro. Novamente me sinto reconfortada.

Em casa curto o João, me empanturro de pé-de-moleque e leio outro lindo texto do Heidegger: "Serenidade".³⁷ *"A serenidade em relação às coisas e a abertura ao mistério..."* Vou dormir com esta frase-convite ressoando dentro

³⁷ HEIDEGGER, M. **O problema do ser / o caminho do campo**. Trad. Ernildo Stein, São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1969.

de mim.

- 05 de abril: Hoje o dia iniciou-se às 6h00 da manhã e acabou-se às 0 hora quando desmaie na cama...Neste intervalo por mais que dificuldade e o cansaço me tomassem me senti melhor, atenta à serenidade em relação as coisas e à abertura ao mistério...Em alguns momentos esta frase me foi poderosamente um bálsamo.
- 06 de abril: Estou na sala de aula, tenho tido muito prazer em estudar, o conhecimento chega-me fludo, de uma forma quase mágica, de encontros...Sinto vontade de escrever, registrar esta sensação, também porque o tema da aula é “Oralidade e Escrita”³⁹, muito interessante e me faz pensar como é profunda a minha ligação com a escrita. Fico pensando porque eu estou escrevendo neste caderno; ainda não sei o que vou fazer com tudo isso, se vou expor, me expor. Volto para a aula.
- 08 de abril: Decido ser mais honesta e livre com este registro, tentar me libertar das amarras cronológicas, mesmo que a minha palavra ainda esteja bastante condicionada ao tempo. Por exemplo, gostaria de relatar tudo que me ocorreu depois da aula, da carona com a Alessandra, nossa conversa sobre Maternidade e depois eu e o João. Mas falta-me tempo e também energia. Ontem também senti, diversas vezes, vontade de escrever, registrar, desabafar...Mas como um rolo compressor fui atropelada pelo tempo, um tempo concreto de tarefas (trabalho, estudo, maternidade, casa/doméstico) –

³⁸ HEIDEGGER, M. **Serenidade**. Trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa, Instituto Piaget, s/d.

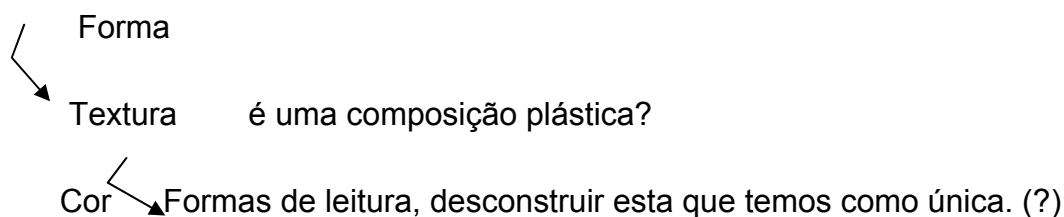
³⁹ ONG, Walter. **Oralidade e Cultura Escrita**. Campinas: Papyrus, 1998.

assim como este intervalo - estava escrevendo e o ônibus veio e , e...
Acabou-se. Ah! A FEAGRI é uma tortura neste instante... A aula, cinema
mudo...chata...Estou tão cansada e sem energia, queria muito, muito, muito
sumir daqui.

- 12 de abril: Faz vários dias que não escrevo, senti vontade diversas vezes,
mas a aula de Sábado e a intervenção/orientação/influência do Prof. Eduardo
me travou um pouco...A escrita refúgio, desabafo, a palavra bálsamo como
essência mas presente numa forma de expressão plástica, o convite para
desconstrução e um novo caminho/canal para a comunicação...Isto tudo fica
ressoando em mim, sinto que tem algo dentro de mim, em ebulição...

PALAVRA + RESSONÂNCIA INTERNA + BÁLSAMO + COMPOSIÇÃO
PLÁSTICA (?)

Pensar! Hoje estou tranqüila, apresentei o seminário sobre Levi Strauss e o
meu grupo foi muito, muito bom...O segundo grupo foi péssimo. A voraz besta de
Traal.



O filme “Antes do pôr do Sol”.⁴⁰

Uma loucura a embriaguês que este filme me causou...Hoje é dia 15 de abril,
preciso me recompor de tanta nostalgia.

- 19 de abril: Sinto uma pontada de arrependimento por não priorizar este suporte de registro do cotidiano. Após a conversa com o Eduardo (educador do curso) não vejo mais uma razão forte para escrever e sinto-me tola, perco-me a partir do olhar do outro ou do não olhar do outro. Enfim preciso voltar a escrever.

Não voltei a, quotidianamente, escrever. À expressão plástica resultante do curso intitulei, **Palavras em Movimento**, uma espécie de livro que apresentei no final do curso.

Os encontros e desencontros do Amor, expresso no diário não tiveram o mesmo desfecho de Ana – personagem do conto “Amor”, talvez porque hoje as mulheres lançam-se ao mundo e não mais se contentam com um consistir de modo possível, amém.

O casamento fracassou. Fiquei como a mulher de casaco marrom do conto “O Búfalo”, querendo aprender a odiar para não morrer de amor. O conto que encerra o livro *Laços de Família*⁴¹, o êxtase final – a negação do amor.

“Então, nascida do ventre, de novo subiu, implorante, em onda vagarosa, a vontade de matar — seus olhos molharam-se gratos e negros numa quase felicidade, não era o ódio ainda, por enquanto apenas a vontade atormentada de ódio como um desejo, a promessa do desabrochamento cruel, um tormento como de amor, a vontade de ódio se prometendo sagrado sangue e triunfo, a fêmea rejeitada espiritualizara-se na grande esperança. Mas onde, onde encontrar o animal que lhe ensinasse a ter o seu próprio ódio? o ódio que lhe pertencia por direito mas que em dor ela não alcançava? Onde

⁴⁰ **Antes do Pôr-do-Sol**, direção Richard Linklater, 2004.

⁴¹ Op.cit. pp. 130-131.

aprender a odiar para não morrer de amor? E com quem? O mundo de primavera, o mundo das bestas que na primavera se cristianizam em patas que arranham mas não dói... oh não mais esse mundo! não mais esse perfume, não esse arfar cansado, não mais esse perdão em tudo o que um dia vai morrer como se fora para dar-se. Nunca o perdão, se aquela mulher perdoasse mais uma vez, uma só vez que fosse, sua vida estaria perdida — deu um gemido áspero e curto, o quati sobressaltou-se — enjaulada olhou em torno de si, e como não era pessoa em quem prestassem atenção, encolheu-se como uma velha assassina solitária, uma criança passou correndo sem vê-la.”

Enjaulada, olhei em torno de mim na fatídica noite que o pai do meu filho declarou – *“Adeus! Não tenho mais nada a ver com você, amo outra mulher e meu único vínculo e compromisso contigo é em relação ao nosso filho.”* Em seguida partiu.

Uma amiga que estava fazendo doutorado na França me visitou rapidamente nesta noite, me presenteando com um ‘souvenir’ de um museu que visitou em Roma, salientando que se lembrou das amigas-mamães.

Enjaulada, esta imagem me anestesiou os sentidos, acalmando-me...Em seguida um acidente na cozinha (um cano estourou) fez com que a casa alagasse enquanto meu filho dormia. Foram momentos transcendentais: a separação, a traição, o ódio, a maternidade e aquela água toda me lavando dolorosamente a alma. Nunca senti tanto medo, pânico...Mas também uma leveza, inexplicável!



Figura 7 – ‘Souvenir’ Fragmento do quadro “Le tre età (dettaglio), 1905 ”– Gustav Klimt (1862-1918) – Roma, Galleria Nazionale d’ Arte Moderna

Laços de Família: A Imitação de Clarice (NÓS)

“Da porta aberta viu sua mulher que estava sentada no sofá sem apoiar as costas, de novo alerta e tranqüila como num trem. Que já partira”⁴²

Ao ler a “Imitação da Rosa”⁴³, quarto conto de *Laços de Família*, fui tomada de profunda inquietação. Laura me tomou por inteiro, de certa forma era ela que eu esperava, desejava ou concebia, a personagem perfeita. Para mim trazia aspectos fundamentais da literatura de Clarice, somente com um ponto que me inquietava, a ausência dos filhos.

O mais interessante é que quem me falou do conto foi a Lila, a atriz que escolhi para trabalhar desde o início do projeto, formada em Artes Cênicas pela Unicamp. Já a havia visto atuando e a conhecia por termos alguns amigos em comum. Assim como Laura – a personagem perfeita, Lila era, para mim, a atriz-perfeita, casada, com uma filha pequena, com aparência especialmente contrita e com um currículo repleto de personagens de intenso conflito perante o universo feminino e também muito interessada na literatura de Clarice Lispector.

Iniciamos o trabalho com encontros informais, em meados de novembro de 2005. Tendo já me definido por *Laços de Família*, lhe pedi que o lesse e trouxesse suas impressões para o próximo encontro – que decidimos ser semanal, prevendo laboratório de criação para elaborarmos as matrizes da atriz-personagem. A

⁴² LISPECTOR, Clarice. **A Imitação da Rosa**. In *Laços de Família*, p. 53.

⁴³ Ibidem.

sugestão dela a partir de sua experiência era fazermos improvisações e coleta de materiais através da **Mímesis Corpórea**.

Segundo o site oficial do Lume (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Teatrais) a Mímesis Corpórea consiste no processo de codificação de ações físicas do cotidiano, obtidas pelo ator através de sua observação e posterior imitação, e a maneira como este material é transposto para a cena teatral.

Como sua formação de atriz está diretamente influenciada pelo trabalho de interpretação desenvolvido pelo LUME, me interessei por esta técnica e achei muito interessante a proposta e uma das definições que encontrei sobre o trabalho do ator, uma vez que não sabia muito bem como conduzi-la.

*“...Trabalhar o ator é, sobretudo e antes de mais nada, preparar seu corpo não para que ele diga, mas para que ele permita dizer. A arte de ator é uma viagem para dentro de nós mesmos, um reatar contato com recantos secretos, esquecidos, com a memória. A verdadeira técnica da arte de ator é aquela que consegue **esculpir o corpo** e as ações físicas no tempo e no espaço, acordando memórias, dinamizando energias potenciais e humanas, tanto para o ator como para o espectador.”⁴⁴*

Esculpir o corpo, uma arte que conduza para uma viagem interior: associei esta concepção com o que li em **Esculpir o Tempo**⁴⁵, em especial o que diz sobre a vocação e destino do cinema:

“Cada arte tem o seu próprio significado poético, e o cinema não constitui uma exceção: ele tem a sua função particular, o seu próprio destino, e nasceu para dar expressão a uma esfera específica da vida, cujo significado ainda não encontrara expressão em nenhuma das artes existentes. Tudo que há de novo na arte surgiu em resposta a uma necessidade espiritual, e sua função é fazer aquelas indagações que são de suprema importância para nossa

⁴⁴ Luís Otávio Burnier (fundador do Núcleo).

⁴⁵ TARKOVSKI, A. **Esculpir o Tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

época.”⁴⁶

Pensei muito no meu encontro com esta atriz, a possibilidade de trabalhar a sua atuação para o cinema a partir de uma inspiração literária e de difícilíssima – se não impossível, adaptação cinematográfica. Clarice Lispector e o mundo da palavra, ou seja, diversas formas de expressões artísticas juntas: teatro, cinema, literatura. O que resultaria?

Ah! Esculpir o tempo. Uma necessidade espiritual, dar expressão a indagações de suprema importância para nossa época. Nós, mulheres, mães, profissionais...tantas inquietações em comum.



Figura 8 – A atriz: Marília Lila, teste de fotogenia realizado em Junho 2006.

No encontro seguinte ela trouxe as suas impressões sobre o livro, em

⁴⁶ Ibidem, p. 95.

especial de “A Imitação da Rosa”, que muito a tocou, salientando a questão do tempo subjetivo, da ação interna da personagem, destacando algumas passagens – tinha anotado em um caderno, as passagens de Laura:

- ela na penteadeira/espelho;
- a lembrança súbita das horas;
- copo de leite recomendado pelo médico tomado em goles na sala informal, fecha os olhos suspira, sente sono e fica feliz de estar cansada, senta-se no sofá (sala de espera) como uma visita, encontra o vaso de Rosas e admira-as;
- resolve enviar para Carlota – amiga contra-peso para ela, desencadeia vários pensamentos, devaneios da reação das pessoas, quer e não quer se livrar das Rosas, grande movimento interior;
- somente quando embrulha as rosas...até a empregada ao seu pedido levar as Rosas.
- Fez alguns apontamentos, extraídos do conto:

Senta-se no sofá sem apoiar as costas e sente a ausência das Rosas. Tenta por instante imitar as rosas dentro de si – um suspirar pleno – perfeito; o marido chega – *“Voltou Armando não pude impedir, foi por causa das Rosas.”*

“Da porta aberta viu sua mulher que estava sentada no sofá sem apoiar as costas, de novo alerta e tranqüila como num trem. Que já partira”⁴⁷

⁴⁷ LISPECTOR, C. A Imitação de Rosa. In Laços de Família, p. 52-53.



Figura 9 – Sequências: teste de fotogenia realizado em Junho 2006.

Concomitantemente aos laboratórios de interpretação, ia trabalhando no processo de roteirização do conto. Passei um tempo obcecada pela Laura. Me questionava quem ela era, como ela era, de onde ela vinha? Ia colocando camadas de vida na personagem...

Laura é uma mulher de 33 anos, casada há 10 anos, sem filhos. *“Por acaso alguém veria, naquela mínina ponta de surpresa que havia no fundo de seus olhos, alguém veria nesse mínino ponto ofendido a falta dos filhos que ela nunca tivera?”*⁴⁸ Estudou em um colégio religioso por toda a sua vida, do pré-primário ao colégio normal, onde formou-se professora primária, não exercendo a profissão, pois conheceu Armando-seu marido no último ano do colégio. Namorou, noivou e casou transformando-se em dona de casa. É a filha do meio de um casal (uma dona de casa e um funcionário público) de classe média de Campinas. Lívia a irmã mais velha e Luís o irmão mais novo, ambos casados, têm três e dois filhos, respectivamente, ela é professora primária e ele funcionário público como o pai. Laura desde a infância foi muito contrita, reservada, calada... Quando “adoeceu”, após 05 anos de casamento sem filhos, toda a família recebeu a notícia com naturalidade, como se todos previssem um efetivo e inevitável afastamento da sociedade, pelo internamento na casa de repouso.

Armando, funcionário público como o pai de Laura, tem 40 anos, era vizinho e subordinado no mesmo depto/seção onde entrou como contínuo ainda adolescente... Simples, reservado, conhece Laura ainda criança, quando muda-se com a mãe e os irmãos (o pai morre em um “acidente” de trabalho, a

⁴⁸ Ibidem, p. 35.

mãe recebe a pensão e cria os filhos com muita dificuldade), a família no bairro fica de certa forma tutelada. Inclusive, a família de Laura os ajuda sempre que pode. Então, quando Armando pede permissão para namorar Laura todos recebem o fato como uma espécie de “retribuição”, pois Laura, para todos, passava tão despercebida que até ela mesma foi pega de surpresa, pois mesmo que tivesse há algum tempo percebido o interesse dele, achou que fosse por “retribuição” tanta gentileza. Mas ele admirava tanto Laura, achava-a tão encantadora na sua postura reservada, contida, não se esforçava nem um pouquinho para agradar com falsas posturas, ela era tão verdadeira. Independente da falta de filhos, da “doença”, ele a venerava pois para ele ela era uma “preciosidade”. Carlota era a única amiga de Laura, se conheceram no colégio, no pré-primário, e deste esta tenra infância, cresceram e conviveram juntas por toda a vida...Não era propriamente uma amizade convencional entre as mulheres, era um tanto desigual. Carlota era tudo que Laura não era: bonita, extrovertida, muito simpática, também casada e com filhos: dois. Mãe delicada, realizada, encaixada, ela, no sentido pleno do feminino convencional, era perfeita. A empregada Maria também é uma velha conhecida da família de Laura, cresceram juntas, pois ela é filha da empregada da família de Laura. Um pouco mais nova que Laura, foi morar com eles quando se casaram. É um pouco inquieta em relação à patroa, mas tem um carinho piedoso por ela. Quando Laura foi internada, ela foi semi-dispensada, ou melhor, arranhou outro emprego e agora trabalha somente meio período na casa de Laura.

Porém, vieram às férias e os compromissos domésticos familiares, forçando-nos a interromper os trabalhos, programando o retorno aos laboratórios em Março, e

as gravações, Junho e Julho, de 2006.

Não retomamos os laboratórios, tampouco realizamos outros testes. Neste período trabalhei o roteiro que está na parte final desta dissertação com o título de **“A Imitação de Clarice”**. As gravações ficaram em suspenso, como um possível projeto-roteiro a ser realizado no futuro.

”O processo de viver é feito de erros - a maioria essenciais - de coragem e preguiça, desespero e esperança de vegetativa atenção, de sentimento constante (não pensamento) que não conduz a nada, não conduz a nada, e de repente aquilo que se pensou que era 'nada' - era o próprio assustador contato com a tessitura do viver - e esse instante de reconhecimento (igual a uma revelação) precisa ser recebido com a maior inocência, com a inocência do que se é feito. O processo é difícil? Mas como seria chamar de difícil o modo extremamente caprichoso e natural como uma flor é feita. (Mamãe, disse o menino, o mar está lindo, verde e com azul e com ondas! está todo anaturezado! todo sem ninguém ter feito ele!) A impaciência enorme (ficar de pé junto da planta para vê-la crescer e não se vê nada) não é em relação à coisa propriamente dita, mas à paciência monstruosa que se tem (a planta cresce de noite). Como se dissesse: 'não suporto um minuto mais ser tão paciente', 'essa paciência de relojoeiro me enerva', etc.: é uma impaciente paciência. Mas o que mais pesa é a paciência vegetativa, boi servindo ao arado.”⁴⁹

⁴⁹ LISPECTOR, Clarice. **Submissão ao processo**. In A descoberta do mundo, pp. 445-446.

Após a frustração de não realizar “**A Imitação de Clarice**” agarrei-me no sentido da escolha por *Laços de Família*, uma obsessão de verdade desencadeou em mim um mergulho em minhas memórias familiares.

Novamente tive medo, quase pânico, mas me submeti ao processo, a tessitura do viver foi conduzindo-me como se nada tivesse acontecendo, porém a inquietação constante ia intensificando o processo criativo.

“Na situação que suscita o pânico emerge os conteúdos pessoais profundos, que nos estimulam a busca.”⁵⁰

A leitura que me ajudou e inspirou (essencialmente) neste período foram os capítulos “**Testemunhas de nós mesmos**” e “**A Verdade Escondida**”, ambos de uma bibliografia indicada em uma disciplina do Mestrado (Fernando Passos).

Elegi dois focus: (1) compreender os laços da minha família e (2) o que seria o **ponto ofendido** de Laura e para onde ela partira ou porque ela partira? De certa forma eu fui atrás da personagem, iniciei um processo de busca e transferência, era como se a Laura fosse se constituir do mais secreto de mim. E nisto o ponto de partida foi a relação com minha irmã, aproximadamente 3 anos mais velha. Ela era como minha Carlota na relação com a Laura. Refletindo sobre a nossa relação pude dolorosamente compreender meus processos essenciais.

“O medo é como a fome, a sede, o amor: a própria natureza nos obriga a nos confrontarmos com tal sentimento. Geralmente, porém, não sabemos dar-lhe o significado correto, porque o lemos como resposta a uma situação que vem contra nós do exterior.”⁵¹

⁵⁰ CAROTENUTO, Aldo. Eros e Pathos: Amor e Sofrimento. São Paulo: Paulus, 1994, p. 221-222.

⁵¹ Ibidem.



Figura 10 – Albúm de família: eu e minha irmã,
Em dois momentos (1975 e 1978)

*“A Paixão do Corpo entre os Fantasma e as Fantasias do Desejo”⁵². A apresentação do livro se inicia assim, unindo fantasmas com fantasias, o corpo e o desejo em direta relação com a Paixão, assim como a referência bíblica do suplício evocada no título do livro *A Via Crucis*...Enfim, senti-me novamente tomada, não pela razão, mas sim pela emoção, pela subjetividade do corpo, corpo estranho após a maternidade, corpo rejeitado após a separação e o casamento frustrado, corpo a ser redescoberto, conquistado pela sexualidade latente, desejada...*

“Escrevo ou não escrevo? Saber desistir. Abandonar ou não abandonar - esta é muitas vezes a questão para um jogador. A arte de abandonar não é ensinada a ninguém. E está longe de ser rara a situação angustiosa em que devo decidir se há algum sentido em prosseguir jogando. Serei capaz de abandonar nobremente? ou sou daqueles que prosseguem teimosamente esperando que aconteça alguma coisa? como, digamos, o próprio fim do mundo? ou seja lá o que for, como a minha morte súbita, hipótese que tornaria supérflua a minha desistência? Eu não quero apostar corrida comigo mesmo. (...) Será horrível demais querer se aproximar dentro de si mesmo do límpido eu? Sim, e é quando o eu passa a não existir mais, a não reivindicar nada, passa a fazer parte da árvore da vida - é por isso que luto por alcançar. Esquecer-se de si mesmo e no entanto viver tão intensamente.”⁵³

⁵² LISPECTOR, Clarice. **A Via Crucis do Corpo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

⁵³ _____ **Um Sopro de vida: pulsações**, pp. 12-13.

24 sábado
tudo com todo o meu corpo, saindo
de uma forma tão especial...
ah! esta viagem marca um processo
de descobrimento tão profundo...
deixar no Brasil, meu trabalho,
meus amigos, meus amores... ah!
(pausa) 25 domingo, com o sol
que o João está vivendo sem a
mãe? Certamente seu pai deve
estar chegando a minha casa
com um velho julgamento - velozíssimo
porque ele é um cara muito super
legal que quer buscar uma
guarda 26 segunda e, ah! como
é mesmo que ele sempre me
diz: - Claro que eu fico do
João p/ vc poder tocar seus
seus projetos... ele é
prioridade p/ mim - ah... (pausa)
dizendo: você é uma egoísta

27 terça
Aulona + thuanh - se e,
recomenda ah! nas Tocon e
quero falar sobre como
me tocou e revelou p/ m
atônito - uma mulher que
em 30 anos um casamento
do, um filho... alguns anos
muitos de amores? NÃO
CONHECIAM a amizade dos
estes 30 anos em um
1º meu pai, depois os pa
Principes Encant
que me recordaria
quarta 28
*Mh30 - Ceci Bia uma vida nã
graz p/ um f
um inventografico
viveram felizes p/ sempre
Lamentoso:
E todos vieram não me
resgataram somente a morte
a minha infelicidade e pior
foram tirando - um a um os
meus sentidos, o meu desejo
de conhecer, de aprender

A terceirização é proibida na contratação
de professores.

S. Paulo, 25 de abril de 2007.

Querida Clarice,

É com receio que me dirijo à vó,
ainda com tanta intimidade... mas não
posso conter a emoção que sinto
encontrando fragmentos de sua comunica
ção do mundo nesta exposição,
em especial as cartas ao seu filho
Paulo, em intercâmbio nos EUA... ah!
e sua maternal simplicidade me tocou
tão profundamente... que chorei
escondido, quase escondendo-me em
uma destas muitas aduelas... cheias de

A Imitação de
Clarice

INSTRATO

"Não quero a
terível limitação
de quem vive
apenas do que
é possível de
ter sentido. Eu
Não quero a verdade
inventada. Ch.

Cálculo do Salário

hora-aula	
salário base	
hora-atividade	
dsr	
adicional noturno	
horas extras	
total	

Alerta e tranquila como um trem que
partiu, duro a subjetividade de prepos
sobre a objetividade de com um violento
processo de busca pessoal das minhas
imagens de Clarice Inspector.
Da janela inicialmente vejo muitas
angustadas, solitárias, vividas em
O outro, submissa à bondade autoritária
à insignificância com reconhecimento
permeiam os laços de família.
ANOTE AQUI SUAS HORAS EXTRAS DO MÊS

Esposa, mãe, filha de casa que
encontra grata sua parte diária
feliz.

Da janela do trem ouvirei ver-me

Figura 11 – Anotações esparsas do processo de criação.

*“Acordei hoje com tal nostalgia de ser feliz. Eu nunca fui livre na minha vida inteira. Por dentro eu sempre me persegui. Eu me tornei intolerável para mim mesma. Vivo numa dualidade dilacerante. Eu tenho uma aparente liberdade mas estou presa dentro de mim. Eu queria uma liberdade olímpica. Mas essa liberdade só é concedida aos seres imateriais. Enquanto eu tiver corpo ele me submeterá às suas exigências. Vejo a liberdade como uma forma de beleza e essa beleza me falta.”*⁵⁴

I.

Foi ali no meio da sala, no meio da tarde, no meio do filme que ela lembrou, não lembrou, não, a imagem invadiu seu ser.

O filme “A dupla vida de Veronique”⁵⁵, a seqüência que desencadeou aquilo tudo, foi a personagem, linda, confusa e perdida – como todas nós, acordando: só e nua.

Ali no meio do filme, no meio do nada que ela se viu menina, voltou no tempo, no espaço. Foi naquela casa, naquele quarto, no meio daquela tarde que a mãe a flagrou nua. Quando aos nove anos foi flagrada pela mãe, no meio da tarde, quente...Ela nua embaixo de um pesado acolchoado... O sentimento de repressão, a mãe questionando que a menina só poderia estar doente, com febre. A menina nua, a lembrança do vizinho na janela da casa ao lado, se masturbando para ela e a irmã.

O corpo. O nu. Odiar o corpo.

Uma leitura recente que me perturbou tanto, um trecho de “A sexualidade feminina” do Freud, qual era mesmo? Sobre o corpo, para mim tão desconhecido, misterioso, inacessível.

⁵⁴ Ibidem, p.55.

⁵⁵ A Dupla Vida de Véronique, direção Krzysztof Kieslowski, 1991.

“Há muito tempo compreendemos que o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado pelo fato de a menina ter a tarefa de abandonar o que originalmente constituiu sua principal zona genital — o clitóris — em favor de outra, nova, a vagina.”⁵⁶

E aquele desenho do Klimt: “A mulher sentada com as coxas abertas”

Uma lembrança, aquela voz constante...

“Laura, Laura, Laura... o que você está fazendo?”

Alguém sempre a questionar, controlar...

Após a partida, deixar a todos, em busca de si, o desejo de ser “livre” para poder partir, assim como Joana⁵⁷, procurando o selvagem coração da vida.

Partir.

O encontro com o mar.

O corpo, o mar penetrando-a, acariciando-a com força e intensidade.

Armando, não pude evitar. Foram as rosas. Tão lindas, florescendo dentro de mim, ele, como todos – sempre, sem compreender, atônito, distante, ah! Tão distante de meu ser recôndito, inacessível, mas pulsante e vivo dentro de mim.

⁵⁶ FREUD, S. **Sexualidade Feminina**. Obras Completas, 1919.

⁵⁷ Livre referência inspirada na personagem-protagonista de Clarice Lispector em seu romance de estréia, **Perto do Coração Selvagem**, publicado em 1943.

II.

Foi ali no meio da aula, aquele curso de Teatro: criação dramatúrgica e Interpretação⁵⁸ que despertou nela aquele sentimento...de pertencimento, veio assim como uma sensação boa, um ‘prazerzinho’ de alma, era exercício de criação, um monólogo a partir de duas imagens: um quadro, uma foto...Escrever de uma imagem para outra...Ela toda impregnada daquele artigo que tinha lido em um destes livros de arte que estava vindo no jornal de domingo – *Toda a Arte é Erótica*⁵⁹ e aquelas mulheres todas, nuas, floridas, intensamente retratadas...Como era mesmo o nome do pintor? Era...era...era...Klimt.

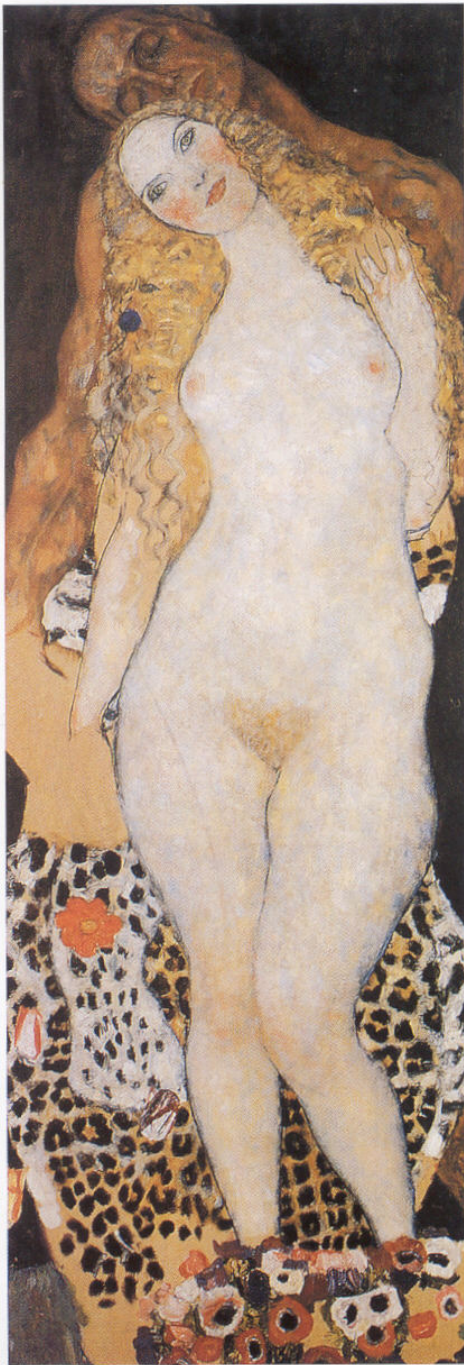
*“Se existe algum artista de quem ‘toda a arte é realmente, erótica’ esse é efectivamente Gustav Klimt. A mulher é o seu tema exclusivo: capta-a nua ou sumptuosamente ornamentada, em movimento, sentada, em pé, deitada, em todas as posições e em todas as attitudes, mesmo nas mais íntimas...À procura do amplexo apertado, em estado de êxtase, na esperança do prazer...”*⁶⁰

Chegando em casa localizou o livro e selecionou as imagens, tão suas:

⁵⁸ Trata-se do curso Criação dramatúrgica e Interpretação, ministrado pela Juliana Galdino (atriz) e Roberto Alvim (diretor e autor de teatro) ambos fundadores do Club Noir/São Paulo.

⁵⁹ NÉRET, Gilles. **Gustav Klimt** (1862-1918). Taschen, 2006.

⁶⁰ Ibidem, p. 83.



**Adão e Eva (inacabado),
1917/1918**



**Mulher sentada com as coxas abertas,
1916/1917**

Figura 11 – Imagens de G. KLIMT utilizadas na criação do Monólogo a seguir:

“Tocón, Tocón Tocón⁶¹...(pausa) ah! Tócon Quando cheguei em Tocón após todo o deslumbramento em Barcelona, Madri e ah! (pausa) Granada...estava tão extasiada com todo o meu corpo, sentindo de uma forma tão especial...ah! esta viagem marcava um processo de descobrimento tão profundo...deixar no Brasil, meu trabalho, meus amigos, meus amores...ah! (pausa) meu pequenino, como será que meu bebê...meu eterno bebê, está vivendo sem a mamãe? Certamente seu Pai deve estar preenchendo a minha ausência com um velado julgamento – veladíssimo porque ele é um cara super legal que quer bancar uma guarda compartilhada e, ah! Como é mesmo que ele sempre me dizia? - “Claro que eu fico com nosso filho para você tocar os seus, os seus projetos... ele é prioridade para mim.” Ah!...(pausa) nas entrelinhas dizendo: - “Você é uma egoísta: seus, seus projetos = Mãe monstro!” (Quebra ou Explosão) – a personagem alterada levanta-se e tentando se alcamar retoma:

Ah! Mas voltando a Tocón (senta novamente), eu quero falar sobre como Tocón me tocou e revelou para mim (atônita) – uma mulher que eu em 30 anos, um casamento fracassado, um filho, alguns amores, muitos desamores...uma mulher que eu não conhecia...amparada durante 30 anos em um homem.

Primeiro meu Pai, depois os possíveis “Príncipes Encantados” que me resgatariam de uma vida meio sem graça, para um fantástico, um cinematográfico: e viveram felizes para sempre.

⁶¹ Vilarejo na região de Granada, ao sul da Espanha. Uma amiga espanhola que estuda atualmente na UNICAMP, me ‘apresentou’ o lugar – com fotos, histórias...presenteando meu imaginário, com um lugar fantástico para minhas criações.

(em tom de lamento) E tantos vieram, não me resgataram, somente aumentaram a minha infelicidade e, pior, foram tirando – um a um, os meus sentidos, o meu desejo de conhecer, de aprender a amar...amar com todo o meu corpo. Meu corpo, o que sempre foi meu corpo para mim? Não sei bem...(meio hesitando) as vezes um instrumento de locomoção: me leva, me traz aos projetos/lugares que preciso ir/voltar...ah!(pausa) um instrumento de sedução, uma tentativa de entrega da alma pelo corpo...apostando – Será que amanhã ele vai me ligar e poderemos aprofundar, ter algum caminho para a intimidade da convivência e ah! Do aprendizado do amor: cotidiano, construído, conquistado com e no Tempo. Ah! Meu corpo todo me dói só de lembrar...

Mas o pior,o pior é o Corpo como ameaça, a sombra assustadora de um homem, estranho, assustador e, pior, forte, forte...me olhando, me querendo, me possuindo e o meu corpo, estranho, usado, sujo...(nervosa, levanta-se)

(Quebra ou Explosão) – (Senta novamente, acalma-se, assume uma postura ‘flamenca’ e diz:) Mais aqui o que nos interessa (pausa) mais a mim, lembrar... Como se pudesse sentir novamente aquele primeiro encontro em Tocón, eu consigo mesma... Tocando-me... primeiro com medo, vergonha, um estranhamento...mas pouco a pouco encontrando um caminho tão, mas tão prazeroso...ah! é até muito difícil descrever. (pausa, fecha os olhos e permanece em devaneio por alguns segundos).

(Quebra ou Explosão) – (Sem abrir os olhos, retoma a fala: devagar, pausadamente... compartilhando o devaneio)

Ali no meio da noite, só, encontrei a minha liberdade, o prazer, tocando no coração selvagem que era meu sexo...naquele instante-já, me senti como uma borboleta ao

*romper o casulo que o protege do mundo e também camufla a beleza da liberdade do corpo. Nunca me senti tão livre em toda a minha vida.*⁶²

Ao ler o monólogo na aula seguinte, ninguém absolutamente ninguém fez qualquer comentário. Ela por alguns momentos, abateu-se pensando em palavras que sempre a atormentaram como ‘incomunicabilidade’, ah! Lembrou dos filmes do Antonioni e também da ‘invisibilidade’. Durante tanto tempo e em tantas situações, sentia-se invisível, presa, trancafiada em um casulo que era seu corpo, um corpo tentando desesperadamente ser amado, aceito, adaptado as convenções.

Depois do ‘abandono’ da casa, da família, depois da partida, aquela fuga inevitável, desejada para a liberdade, imaginar ir para a Espanha, dançar, estudar Flamenco, que loucura... Logo ela que nunca se comunicou pelo e com o corpo, querendo dançar, interpretar, ah! Estava louca, mas depois daquele encontro consigo mesma, nada mais importava, a consciência plena, leve de sua solidão a preenchia.

Após este dia também escolheu não retomar às aulas, nunca mais voltou... Também partir, sempre partir... como aquela personagem da Clarice Lispector, aquele primeiro livro que lera com ardor de ‘burra-sem entender’, assustador, devastador “Perto do Coração Selvagem”, lera ainda adolescente com ardor de burra, sem compreender. A personagem chamava Joana, terminava com “A Viagem”, ela partia – forte e bela como um cavalo jovem.⁶³

⁶² Este monólogo eu escrevi, realmente no curso de criação e interpretação dramatúrgica, que fiz em São Paulo, no período de Março-Abril de 2007.

⁶³ Referência ao final de romance **Perto do Coração Selvagem**, de Clarice Lispector, onde a personagem, parte e é utilizada esta expressão metafórica: a personagem forte e bela como uma cavalo jovem.

São Paulo, 25 de abril de 2007.

Querida Clarice,

É com receio que me dirijo a você, ainda com tanta intimidade...mas não posso conter a emoção que sinto encontrando fragmentos de sua comunicação com o mundo nesta exposição, em especial as cartas ao seu filho Paulo, em intercâmbio nos EUA...ah! A sua maternal simplicidade me tocou profundamente...Quase chorei escondido, quase escondendo-me em uma destas gavetas. Cheias de surpresas e mistérios...Você é o meu mistério maior, porque lendo-a sou tomada por esta repercussão profunda, quase indizível...

Ah! Existir vendo-se no espelho de suas palavras, suas implacáveis pulsações. Dias antes da exposição li algo seu que abalou todo o meu ser: “Não quero a terrível limitação de quem vive apenas do que é possível de ter sentido. Eu não, quero a verdade inventada.”

Ao sair da exposição percebo que estou como nunca, alerta e tranqüila como num trem que já partiu, sento-me em um banco da praça, fecho os olhos e deixo a subjetividade preponderar sobre a objetividade com um violento processo de busca pessoal das minhas imagens da sua literatura, minhas imagens a partir das suas imagens.

Da janela, inicialmente vejo muitas mulheres, angustiadas, solitárias, vivendo um dia após o outro, submissas à bondade autoritária e à insignificância com reconhecimento mantendo os laços de família. Esposa, mãe, dona de casa que encontra grata sua parte diariamente falível.

Da janela do trem procuro ver-me entre estas mulheres, pertencer com um suspiro de cansaço bom, lutando contra a inquietação e aquele terrível sentimento de independência, de ausência que entrava em mim como uma claridade. Rendo-me e, pela janela do trem volto no tempo e vejo-me menina... De menina à mulher o que aconteceu?

Frases soltas preenchem a exposição, a última, potente, lateja em mim:

“Ver é a pura loucura do corpo.”



Rio, 25 Janeiro 1969

gafanhoto querido,
só: você está rodeado de nosso amor, até

Rio, 31 maio 1969 (vse para o correio segunda-feira, 2 de junho. Hoje é sábado.)

Meu querido Pernilongo,

como vae o meu amor de filho? Estou contente com a idéia de um fim-de-semana em Chicago. E acho muito boa a sua idéia de um "empreguinho", como o de cortar grama. Eu também já tive vários empreguinhos, e ganhava meu dinheirinho. Além do mais não dá preguiça de cortar a grama dos outros, só da preguiça quando é a grama de nossa própria casa... E, embora eu já saiba porque você ~~disse~~ escreveu, que não está precisando de dinheiro, uns dolars a mais não prejudicarão em nada.

Meu querido, quanto ao seu quarto, você infelizmente terá que esperar por dias melhores, isto é, mais fartos em matéria de dinheiro. Pintar as paredes de seu quarto apenas, eu não faria, porque daqui a um ano pretendo pintar a casa toda. E, quanto ao teto azul+rei, eis a minha ~~pipix~~ opinião: ~~xxxxx~~ seu quarto não é muito bem iluminado, mas as ~~xxxxx~~ cores claras iluminam um pouco o ambiente. Ora, se eu cobrir com uma camada de ~~xxxxt~~ ~~xxxxx~~ azul+escuro o teto, escurecerei o quarto inteiro. Garanto+lhe, Paulo, que não vale a pena. É melhor, pelo menos pelo momento, deixar o quarto como está.

Estive na Bahia para entrevistar tres pessoas (Jorge Amado, o tapeceiro Genaro :- não ganhei nenhum tapete..., e o escultor Mário Cravo) e adorei Salvador. Foram tres dias e meio de sonho e agora só penso em voltar para lá e, quem sabe, passar um mês trabalhando lá mesmo. Eu fui a convite do governador da Bahia que pos à minha disposição um carro e um chofer, de modo que pude ver e sentir mil vezes mais do que se gastasse tempo andando e procurando ~~xxxxxxx~~ ruas. Nunca comi tanto azeitado na minha vida.

Reaba um beijo (da penca que mais quer você no mundo) mamãe

Carta escrita para o filho Paulo, que fazia um programa de intercâmbio nos EUA

Figura 12 – Carta de Clarice Lispector para o filho Paulo, em intercâmbio nos EUA.

III.

“Mãe - Coisa”

"Eu me abri e você de mim nasceu. Um dia eu me abri e você nasceu para você mesmo. Quanto ouro correu. E quanto rico sangue derramou. Mas valeu a pena: és pérola de meu coração que tem a forma de sino de pura prata. Eu me esvaí. E tu nasceste. E me apaguei, para que tu tivesses a liberdade de um deus. És pagão mas tens a benção da sua mãe.

E. E a mãe sou eu.

Mãe túmida. Mãe seiva. Mãe que dá e nada pede de volta.

Mãe música de órgão.

Hasteia a bandeira, filho, na hora de minha sagrada morte. E dou tal profundo grito de horror e louvor que as coisas se partem à vibração de minha voz única. Choque de estrelas. Pelo enorme monstruoso telescópio me vês. E eu sou gélida e generosa como o mar. Morro. E venho de longe como silente Ravel. Sou um retrato que te olha. Mas quando quiseres ficar só com a tua namorada-esposa cobre minha cara doce com um pano escuro e fosco - e eu nada verei. Eu sou mãe-coisa pendurada na parede com respeito e dor. Mas que funda alegria em ser mãe. Mãe é doida. É tão doida que dela nasceram filhos. Eu me alimento com ricas comidas e tu mamas em mim leite grosso e fosforescente. Eu sou o teu talismã." ⁶⁴

Ser mãe-coisa, o que seria?

Minha mãe que hoje é técnica de enfermagem em um grande hospital público da periferia de São Paulo - a mesma em que ela iniciou sua vida profissional como operária e como militante da AP...A mesma periferia trinta, quarenta anos depois... E, na medida do tempo, ela ainda mantém uma certa inquietação perante uma realidade tão complexa e cruel que outro dia me contou a história de um mulher que chegou no hospital, ganhou neném e foi embora, o bebê está lá há três meses,

⁶⁴ LISPECTOR, Clarice. **Um Sopro de Vida**: pulsações, p. 108.

vivendo da 'caridade' ou do 'amor-coisa/profissional da enfermeiras. Fiquei pensando, imaginando-a, minha mãe narrando:

✚ “A mulher chegou esquelética, pálida e assustada...parecia uma personagem perfeita daquele quadro do, do Portinari...retirantes? Mas enfim, chegou sozinha com aquela barriga enorme e, aparentemente, certo medo - que eu não sei porque senti para além do medo...Um brilho estranho no olhar, uma coisa esquisita, mas a sensação era de uma espécie de mãe-coisa, ela coisificaria a maternidade parindo e, e, partindo, como num trem. Chegou, despejou ou despachou o bebê-coisa e partiu. O bebê há três meses vive do afeto das enfermeiras -que morrem de dó, se afeioaram a ele, tão pretinho, tão feinho e tão caretezinho, está manhoso de tanto colo-piedoso. O ser humano é coisa-estranha, não? Ou é que nem bicho, os órfãos são acolhidos e adotados, não?!”

Dias depois fui assistir "**Querô**"⁶⁵ no cine Paradiso, sai impressionadíssima do cinema, não gostei do filme e fiquei com uma sensação-sentimento de fúria piedosa por esta terrível condição das mulheres e seus corpos-receptáculos de bebês-coisas...O que resta? Resta tomar querosene até morrer ou abandonar o bebê-coisa na maternidade para arranjar-se em um colo-piedoso qualquer...Sem leite grosso, fosforescente e nenhum talismã?

O abandono.

Abandonar um filho e assumir que: "**a fertilidade me sufoca**" (fala da personagem Joana de **Perto do Coração Selvagem**, que C.L. escreveu aos 19 anos) ou escolher a vida, tentar se matar e não ter coragem e aparentemente

⁶⁵ **Querô**, direção Carlos Cortez, 2006.

resignar-se, mas perante a incompreensão do mundo abandonar a família: o lar e escolher a vida é = mãe-monstro, referência ao filme **As Horas**⁶⁶.

A seqüência mais tocante, intensamente perturbadora no filme "**Querô**" é o personagem preso em uma cela na Febem chorando convulsivamente, desamparado e com ódio questionando a quê ou a quem?

A mãe.

A responsável por aquela vida trágica...Não, não responsável: culpada por sua existência condenada ao sofrimento.

Culpa.

A culpa move o mundo?

Acho que sim.

É isto: é a culpa que nos mobiliza a resignarmo-nos, adaptarmo-nos, ou melhor, consistirmo-nos de modo possível. Amém.

*"Meu Deus, me dê a coragem de viver trezentos e sessenta e cinco dias e noites, todos vazios de Tua presença. Me dê a coragem de considerar esse vazio como uma plenitude. Faça com que eu seja a Tua amante humilde, entrelaçada a Ti em êxtase. Faça com que eu possa falar com este vazio tremendo e receber como resposta o amor materno que nutre e embala. Faça com que eu tenha a coragem de Te amar, sem odiar as Tuas ofensas á minha alma e **ao meu corpo**. Faça com que a solidão não me destrua. Faça com que a solidão me sirva de companhia. Faça com que eu tenha coragem de me enfrentar. Faça com que eu saiba ficar com o nada e mesmo assim me sentir como se estivesse plena de tudo. Receba em teus braços o meu pecado de pensar."*⁶⁷

IV.

⁶⁶ **As Horas**, direção Stephen Daldry, 2002.

⁶⁷ LISPECTOR, **Clarice**. **Um Sopro de Vida**: pulsações, p. 155. (grifo meu)

A mulher entra sozinha, com medo, medo, medo, medo de tudo, falta pouco tempo, este tempo de espera, de angústia, ela não escuta nada, um silêncio tomou conta do seu corpo. Bem leve, baixinho, ela ouve o compasso acelerado e intermitente de um coração. O hospital é caótico; em pleno vapor fazendo a morte e a vida, ela nada ouve, a não ser o som do coração crescendo, crescendo, crescendo. Ela tem medo, medo de ouvir, de falar, procura com os olhos assustados um abrigo, precisa recompor-se, sente tantas dores, vê o banheiro, respira fundo, o som do coração tão alto, respira fundo, fecha os olhos. CORTA – a tela branca, o silêncio.

A mulher em frente ao espelho lava o rosto, olha-se buscando no reflexo encontrar forças e coragem. ***O contato é seguro? Caiu algum ponto? Ah! Meu Deus!*** A mulher busca a lucidez, encontrar o Dr. Silva, ele a espera, tá tudo certo, ah! Que dor, ah! Que medo, calma, calma, calma, respira fundo. CORTA – a tela branca, o silêncio. A mulher dirige-se a recepção, concentra-se, respira e pergunta para a atendente – “Por favor, meu nome é...é...é, Maria das Dores e eu procuro o Dr., Dr., Dr. Silva – apaga (ela desmaia). CORTA – a tela branca e o som do coração volta forte, latente...Gradativamente vai diminuindo na sintonia dos olhos se abrindo. A mulher está deitada – a imagem/seqüência inicia-se com uma subjetiva do teto, ela acordando: o teto, o quarto, a ‘varredura’ do olhar nervoso pelo lugar – “Onde estou?”, o close nas mãos apertando o ventre, os olhos fechando.

CORTA - Seqüências de flashbacks – 1. A mulher caindo. 2. A correria, sendo socorrida. 3. Ela sendo levada pelos corredores. A voz firme e acolhedora em seu ouvido: *“Calma, Beth, sou eu o Silva, fique tranqüila, estou aqui, tudo dará certo.”* CORTA. A tela branca. Silêncio.

A porta do quarto se abre, uma enfermeira entra trazendo um bebê no colo, pára ao lado da cama e diz: *“Aqui Mamãe, sua filhinha, está faminta.”*

A mulher a recebe no braço, aperta sobre seu corpo e chora. Chora um choro doído... Um choro da alma. Chora por tudo o que passaram até ali e também por tudo o que virá.

IV.

Berna, 02 de janeiro de 1947.

Querida,

Não pense que a pessoa tem tanta força assim a ponto de levar qualquer espécie de vida e continuar a mesma. Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso - nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro. Nem sei como lhe explicar minha alma. Mas o que eu queria dizer é que a gente é muito preciosa, e que é somente até um certo ponto que a gente pode desistir de si própria e se dar aos outros e às circunstâncias. Depois que uma pessoa perder o respeito a si mesma e o respeito às suas próprias necessidades - depois disso fica-se um pouco um trapo.

Eu queria tanto, tanto estar junto de você e conversar e contar experiências minhas e de outras pessoas. Você veria que há certos momentos em que o primeiro dever a realizar é em relação a si mesmo. Eu mesma não queria contar a você como estou agora, porque achei inútil. Pretendia apenas lhe contar o meu novo caráter, ou a falta de caráter, um mês antes de irmos ao Brasil, para você estar prevenida. Mas espero de tal forma que no navio ou avião que nos leva de volta, eu me transforme instantaneamente na antiga que eu era, que talvez nem fosse necessário contar.

Querida, quase quatro anos me transformaram muito. Do momento em que me resignei, perdi toda a vivacidade e todo o interesse pelas coisas. Você já viu como um touro castrado se transforma num boi? Assim fiquei eu... em que pese a comparação... Para me adaptar ao que era inadaptável, para vencer minhas repulsas e meus sonhos, tive que cortar meus grilhões - cortei em mim a forma que poderia fazer mal aos outros e a mim. E com isso cortei também a minha força. Espero que você nunca me veja assim resignada, porque é quase repugnante. Espero que no navio que me leve de volta, só a idéia de ver você e de retomar um pouco a minha vida - que não era maravilhosa mas era uma vida - eu me transforme inteiramente.

Uma amiga, um dia, encheu-me de coragem, como ela disse, e me perguntou: "Você era muito diferente, não era?". Ela disse que me achava ardente e vibrante, e que

quando me encontrou agora se disse: ou essa calma excessiva é uma atitude ou então ela mudou tanto que parece quase irreconhecível. Uma outra pessoa disse que eu me movo com lassidão de mulher de cinquenta anos. Tudo isso você não vai nem sentir, queira Deus. Não haveria necessidade de lhe dizer, então. Mas não pude deixar de querer lhe mostrar o que pode acontecer com uma pessoa que faz um pacto com todos, e que se esqueceu de que o nó vital de uma pessoa deve ser respeitado. Ouça: respeite mesmo o que é ruim em você - respeite sobretudo o que você imagina que é ruim em você - pelo amor de Deus, não queira fazer de você uma pessoa perfeita - não copie uma pessoa ideal, copie você mesma - esse é o único meio de viver.

Juro por Deus que se houvesse um céu, uma pessoa que se sacrificou por covardia - será punida e irá para um inferno qualquer. Se é que uma vida morna não será punida por essa mesma mornidão. Pegue para você o que lhe pertence, e o que lhe pertence é tudo aquilo que sua vida exige. Parece uma vida amoral. Mas o que é verdadeiramente imoral é ter desistido de si mesma. Espero em Deus que você acredite em mim.

Gostaria mesmo que você me visse e assistisse minha vida sem eu saber. Isso seria uma lição para mim.

*Ver o que pode suceder quando se pactua com a comodidade de alma.
Tua
Clarice."*⁶⁸

⁶⁸ MONTERO, Teresa (Org.) **Minhas queridas. São Paulo: Ed. Rocco, 2007.**



Figura 14 – Clarice Lispector com as irmãs e capa do ultimo livro lançado em comemorações dos 30 anos de sua morte em 2007

*“Organizado pela biógrafa Teresa Montero, Minhas queridas traz a correspondência – 120 cartas inéditas – enviada por Clarice Lispector para suas “queridas” irmãs, Tania Kaufmann e Elisa Lispector, entre 1944 e 1959, período em que acompanhou seu marido, o diplomata Maury Gurgel Valente, em suas missões no exterior. Material precioso e fundamental, não só por cumprir seu papel de preservar a memória da literatura brasileira e, portanto, os pormenores e meandros da criação, como também – e sobretudo – por delinear os vinte anos iniciais de atividade literária de uma autora que fascina gerações e gerações de leitores.”*⁶⁹

⁶⁹ Extraído do site oficial de Clarice Lispector - www.claricelispector.com.br/

Ao escrever o roteiro **A Mãe**, o último que escrevi e que acredito que foi o mais intenso para mim, sempre projetei as imagens a partir do meu sentimento de querer 'viver' a personagem e re-viver os tormentos de minha mãe.

*“Quando faço um filme, tento não atormentar meus atores com discussões, e não admito que o ator estabeleça uma ligação entre o trecho que está representado e o filme em sua totalidade; às vezes, não permito que ele o faça nem mesmo com relação às cenas imediatamente anteriores ou posteriores. Por exemplo: na cena de O Espelho em que a protagonista espera pelo marido, o pai dos seus filhos, sentada na cerca e fumando um cigarro, achei melhor que Margarita Terekhova não conhecesse o enredo, que não soubesse se o marido realmente voltaria. A história foi mantida em segredo para que a atriz não reagisse a ela em algum nível inconsciente da sua mente, mas, sim, para que vivesse aquele momento exatamente como minha mãe, seu protótipo, o vivera no passado, sem saber o que seria feito da sua vida. Não há dúvida de que o comportamento da atriz teria sido diferente caso ela soubesse como seria a sua relação futura com o marido; não apenas diferente, mas também falsificada pelo conhecimento que ela teria da continuidade da história. O sentimento de estar condenada não poderia senão influenciar o trabalho da atriz naquela etapa inicial da história. Em algum momento - de forma inconsciente, sem querer contrariar a vontade do diretor - ela teria revelado alguns indícios do sentimento de futilidade da espera, e nós também o teríamos sentido; na verdade, o que precisávamos sentir nessa cena era a singularidade, o caráter único, daquele momento, e não suas ligações com o resto da sua vida.”*⁷⁰

⁷⁰ TARKOVSKI, op. cit, pp. 170-171.

Quem mais poderia sentir o necessário estado de espírito do personagem?

Eu.

Ao escrever o roteiro, decupando-o, mais do que pensar onde a câmera estaria para dar a dimensão da ação, visualizava onde ela deveria estar a partir da minha expressividade de toda aquela situação dramática; por exemplo: a mulher estava com medo. Como eu sentia este medo e o expressava? Através dos olhos assustados, porém disfarçados por uma aparente calma contrita, meus movimentos são feitos de gestos miúdos, as mãos presas no bolso do pesado casaco marrom (assim como a personagem do conto O Búfalo).

*"A única coisa que um ator de cinema tem de fazer é expressar em circunstâncias específicas um estado psicológico peculiar apenas a ele próprio, sendo fiel à sua estrutura emocional e intelectual, e fazendo-o da maneira que melhor se ajusta a ele. (...) Expressividade original e única - eis o atributo essencial do ator de cinema, pois nada menos que isso pode torna-se contagiante na tela ou expressar a verdade."*⁷¹

Pensei muito nesta decisão de querer interpretar esta personagem, não tenho formação de atriz - tive algumas pequenas experiências que me suscitaram o desejo de querer, mas nunca consegui priorizar e me dedicar; também tenho profunda admiração pelo trabalho da Lila - minha atriz perfeita para "A Imitação de Clarice", sinto entre nós uma identificação espiritual e estética profunda que gera uma confiança recíproca, por isso quando as imagens vieram e iniciei a escrita do roteiro, sempre pensei em tê-la dirigindo-me no trabalho de atriz. Fizemos um pacto: eu a dirigiria em "A Imitação de Clarice" e ela me dirigia como atriz no roteiro "A Mãe".

⁷¹ Ibidem, p. 172.

Assim teríamos uma oportunidade mútua de aprendizado sobre a diferença entre o teatro e o cinema.

E o som?. O som. Silêncio. Som ambiente, o ritmo do hospital, batidas de coração, da mãe, do feto. A música do Tom Zé, faz parted a narrative, mas somente acompanha os créditos juntamente com as imagens do Klimt, fragmentos do quadro As Três Idades da Mulher.

Meu fascínio pela possibilidade do cinema como linguagem, forma de expressar-me é justamente a perspectiva de, na trajetória do filme e da sua concepção até a finalização, viver a tarefa árdua, porém fantástica de contagiar uma série de pessoas/profissionais com minhas imagens singulares e únicas, buscando uma estética correspondente ao meu estado de espírito, minha visão/percepção do mundo.

Esta é uma consciência de autoria e uma possibilidade de trabalho, expressão e intervenção no mundo: do subjetivo para o objetivo, passando pelo subjetivo dos profissionais envolvidos no processo foi uma das maiores revelações que tive ao longo de todo o processo e também uma premissa de método que pretendo seguir na materialização do filme.

Compartilho integralmente das concepções do Tarkovski de que o roteiro é uma:

*"(...) estrutura frágil, viva e em constante mutação, e que um filme só está pronto no momento em que finalmente terminamos de trabalhar com ele. O roteiro é a base a partir da qual tem início a exploração, e durante todo o tempo em que estou trabalhando num filme, sinto a angústia permanente de que talvez nada resulte dele...."*⁷²

Isto posto gostaria de ressaltar alguns aspectos dos roteiros que seguem. Compreendo-os como parte de um exercício para o desenvolvimento de uma linguagem audiovisual. Eles foram escritos em condições adversas, o último “A Mãe” representou para mim um fechamento de ciclo, um mergulho muito profundo nas memórias dos laços de minha família. Ele foi gestado dentro de mim por meses e um dia após levar meu filho a escola, sentei e escrevi seguido de um choro compulsivo que me lavou a alma.

Já o “*Aqui passa o Amor?*” fez parte de de uma disciplina ministrada pelo Prof. Fernando Passos, na TV Unicamp e foi um trabalho muito interessante dentro da minha idealização estética de poetizar o cotidiano. O roteiro foi baseado em uma experiência vivenciada por mim e também por fragmentos de crônicas de Clarice publicadas após a sua morte no livro *A Descoberta do Mundo*.

Quanto ao roteiro de “*A Imitação de Clarice*”, foi a primeira experiência concreta de roteirização, todo o processo foi de intenso aprendizado. Durante um bom tempo fiquei obcecada pelos personagens, pela história, principalmente a que antecede e a que vem depois do conto. Neste roteiro estão contidas as bases para os processos criativos desencadeados posteriormente, especialmente em relação a constituição da personagem e dos meus aspectos subjetivos que a constituíam.

⁷² Ibidem, p. 157.

Sinopse

Uma mulher (1) perseguida pela Ditadura Militar, em meados dos anos 70 entra em um hospital público de São Paulo, para ali 'dar a luz' a sua filha. Ela está com medo, tem um contato de um médico-amigo da organização clandestina que é militante. Ela está sozinha, seu companheiro foi para a Guerrilha do Araguaia e ninguém sabe o que aconteceu com ele -provavelmente morreu. Ele também não quis saber muito da gravidez da companheira. Mulher (2) está sozinha indo 'dar a luz' em um hospital público de São Paulo, meados dos anos 2000, sem marido/pai da criança, sem família na cidade, está assustada e não sabe o que fazer com esta situação. Ambas vão vivenciar a experiência da maternidade, do parto em circunstâncias e tempos distintos, porém o enredo é o mesmo: estão sozinhas, com medo, não sabem o que fazer, na situação de pânico tomam decisões diferentes e marcam assim as suas vidas. Ambas entram e saem do hospital no final da tarde, na hora perigosa entre o dia e a noite (lusco-fusco) - isto é destacado nas tomadas Externas de entrada e saída, porém dentro do hospital não há indicação de dia ou noite, perde-se a referência de tempo (mas elas permanecem por aproximadamente 24 horas).

Caracterização das Personagens

Mulher (1): tem aproximadamente 30 anos, estatura média, meio 'gorducha' tem cabelos lisos e curtos, olhos castanhos, pele clara, banal. Está vestida com um pesado casaco marrom. Geralmente é controlada, resignada, aparenta extrema segurança (mas tem muito medo de viver e vive em intenso conflito existencial, entre a escolha política e a forte educação religiosa) e vive como quem trabalha o tempo todo, evitando os pensamentos excessivos. Iniciou a militância política por influência cristã, quer salvar as pessoas, contribuir para um mundo melhor. Antes do golpe vivia com o companheiro, em constante conflito por não terem se casado oficialmente (inclui rompeu com sua família para viver 'amasiadamente' com ele). Ele, mais 'radical' decidiu ir para a Guerrilha do Araguaia, deixando-a grávida com a 'terrível' sugestão: dela abordar e se dedicar exclusivamente para a iminente Revolução.

Mulher (2): tem aproximadamente 25 anos, estatura baixa, magra, cabelos lisos e curtos, olhos castanhos - assustados, pele clara, banal. Está vestida com um casaco marrom (de brechó, parecido ou o mesmo da Mulher 1). Tem um aspecto descuidado, aparência profundamente abatida pela sua condição física – a gravidez indesejada, escondida meses a fio...no trabalho. Veio do interior de Minas Gerais trabalhar como babá-doméstica (vive com uma família de classe média) e engravidou de um homem casado (também migrante com uma família numerosa – que trabalha como porteiro/servente no mesmo prédio). As demais empregadas - colegas de elevador/café/encontro no playground do prédio indicaram o hospital e algumas deram a 'terrível' sugestão de deixar a criança para adoção, uma vez que não teria pai, lar, nada - frissaram que Deus a perdoaria e a vida continuaria.

Médico: homem de aproximadamente 40 anos, alto, cabelos e olhos negros. Voz firme e serena. Se formou em Medicina com muita dificuldade, vindo de uma família muito pobre, recebendo ao longo da vida, principalmente escolar/universitária apoio constante, por isso logo na residência começou a desenvolver atividades/ações com as pastorais, teve uma educação católica forte, porém progressista e se interessava pela teologia da libertação. A mãe viúva criou ele e a irmã com a aposentadoria do pai, morto em um acidente de trabalho na construção civil - educou ambos dentro da Igreja da comunidade onde moravam. A irmã mais nova, atuante na Pastoral, foi presa e brutalmente torturada e assassinada nos porões da ditadura. Por isso após o golpe (potencializado pelo assassinato da irmã) tinha muito medo, por sua família (era casado e tinha duas filhas), mas de qualquer forma continuava a apoiar as organizações clandestinas de esquerda que o procuravam, contribui financeiramente e especialmente acolhe e faz o parto de diversas mulheres perseguidas pela ditadura. Pensava constantemente na irmã assassinada, tinha medo, pânico, mas uma indignação profunda e sentia-se reconfortado em poder ajudar, cuidava das mulheres sempre como se fossem a irmã perdida.

Enfermeira: Mulher comum.

Agente DOPS/Policial: Homens comuns

Figurantes – Pacientes/enfermeiros: Predominantemente mulheres.

Caracterização dos Cenários (Locação):

Um hospital público da cidade de São Paulo - poderia ser o Leonor de Barros (a maternidade que nasci, onde parte desta história aconteceu), a história em dois momentos caracterizado no Roteiro como Parte I e II. Dos anos 70 para hoje, há um intervalo de tempo que será caracterizado pelo figurino dos personagens/figurantes e especialmente pelos filtros de luz, que nos anos 70 é mais desbotado/mais amarelado, já nos anos atuais é mais estourado, iluminação forte e clara. As sequencias concentram-se na entrada/recepção,

dentro de um banheiro e no quarto da paciente. O hospital não necessariamente está lotado-com macas pelos corredores, porém o aspecto público (acesso para todos) é fundamental.

PARTE I :

Sequencia 01: Interna/Dia (final da tarde) – Entrada do hospital/recepção.

Som 01: Som ambiente. Barulho da rua em frente ao hospital se misturando com o som de dentro do hospital.

Tomada 01: CÂMERA NORMAL. PLANO GERAL.TRAVELLING EM SUBJETIVA aproxima-se da entrada do hospital público, porta que abre e fecha, acompanha a chegada da personagem e sua visão/olhar (uma 'varredura' do lugar)da recepção do hospital. A mulher 1 entra sozinha, com medo, medo de tudo, falta pouco tempo, este tempo de espera, de angústia...**CORTA.**

Tomada 02: CÂMERA FIXA/NORMAL.Contra plano (Camêra de dentro da recepção em frente a porta de entrada).**CLOSE** nos olhos assustados da personagem, ela procura um abrigo e vê a porta do banheiro feminino. **CORTA.**

Tomada 03: (Contra plano) **SUBJETIVA** da visão da porta do banheiro.

CORTA. FADE IN. Tela branca e silêncio.

Som 02 e 03: compasso acelerado e intermitente de um coração de adulto - o som inicia baixo e vai crescendo de volume e de aceleração até se misturar com o som da respiração ofegante da mulher, que predomina e diminui até parar no Fade In e o silêncio.

Sequencia 02: Interna/Dentro do banheiro.

Som: Ambiente, com a ênfase na respiração ofegante que a personagem tenta controlar.

Tomada 01: (PP) CÂMERA FIXA. CLOSE nos Olhos e vai se abrindo até ficar em **PLANO AMERICANO.**

A mulher em frente ao espelho lava o rosto, olha-se buscando no reflexo encontrar forças e coragem. **(SOM OFF/fala subjetiva da personagem)** "O contato é seguro? Ah! Meu Deus, a camarada Dora caiu nesta mesma situação. Ah! Meu Deus me dê forças! Calma, calma, calma...nenhum ponto caiu, estou segura, segura, vai dar tudo certo...O nome dele é Dr. Silva, ele está me esperando, vai dar tudo certo, ah! Que dor, ah! Que medo, clama, calma, calma, respira fundo." A mulher busca a lucidez, recompor-se. **CORTA. FADE IN – a tela branca, o silêncio.**

Sequencia 03: Interna/Saindo do Banheiro/Balcão da Recepção.

Som: Ambiente/Direto.

Tomada 01: CAMÊRA ALTA. PLANO GERAL. A mulher sai do banheiro e dirige-se ao balcão da recepção. **TRAVELLING VERTICAL. CLOSE** no rosto da personagem que respira fundo e pergunta para a atendente (que está sentada e aparece detalhe da cabeça no quadro) – “Por favor, meu nome é, é é, Maria das Dores e eu procuro o Dr., Dr., Dr. Silva” – apaga (ela desmaia) e some do quadro que fica alguns segundos vazios até a atendente levantar-se e gritar: “Pessoal acode aqui, a mulher apagou”. **(SOM DIRETO) CORTA.**

FADE IN mais longo – a tela branca e o som do coração volta forte, porém agora é de um feto/como de ultrassom **(SOM OFF)**, latente, até estourar e sumir.

Sequencia 04: Interna/Quarto do Hospital.

Som: Ambiente/Direto com inserções em Off.

Tomada 01: CLOSE nos olhos se abrindo. **CORTA.**

Tomada 02: SUBJETIVA do teto/ ventilador girando bem devagar. **CORTA.**

Tomada 03: CAMERA NORMAL. PLANO GERAL. A mulher está deitada, olha o quarto e questiona **(SOM OFF/Subjetiva)** “Onde estou? O que aconteceu?” **CORTA.**

Tomada 04: SUBJETIVA nas mãos apertando o ventre. **CORTA.FADE IN.**

Sequencia 06: Interna/ Recepção e corredor do Hospital.

(Seqüências de flashbacks, caóticas e com filtro desbotado, deixando a imagem meio cinza)

Som: Ambiente/Direto mas com inserção de uma cacofonia não identificada, misturando com a voz da atendente, dos enfermeiros e o OFF do Dr. Silva falando (meio susurrando em seu ouvido)

Tomada 01: CAMERA NORMAL. TRAVELLING VERTICAL. A mulher caindo.

Tomada 02: CAMERA ALTA. FIXA sobre o tumulto em volta da personagem. A correria, sendo socorrida.

Tomada 03: CAMERA NORMAL. TRAVELLING HORIZONTAL. Ela sendo na maca pelos corredores. A voz firme e acolhedora em seu ouvido: **(SOM OFF)** “Calma, Beth, sou eu o Silva, fique tranqüila, estou aqui, tudo dará certo.” **CORTA. FADE IN. A tela branca. Silêncio.**

Sequencia 07: Interna/Quarto do hospital.

Plano Sequência: CÂMERA FIXA. - (PG) A porta do quarto se abre, uma enfermeira entra trazendo um bebê no colo, **TRAVELLING HORIZONTAL** a acompanha até o lado da cama, onde ela pára e diz: “Aqui Mamãe, sua filhinha, está faminta.” **(PP)** A mulher não se movimenta, apenas a recebe no braço, aperta sobre seu corpo e chora. Chora um choro

doído... um choro da alma. **(CLOSE)** Chora por tudo o que passaram até ali e também por tudo o que virá. **CORTA. FADE IN. A tela branca. Silêncio.**

Sequencia 08: Externa/saida do Hospital (final da tarde).

Plano Sequencia: CAMÊRA FIXA em frente a porta do hospital. **PLANO GERAL.** A mulher 1 sai com o bebê bem aspertado contra o peito. Ela pára **(CLOSE/PP)** olha para todos os lados e onde **(PP)** vê-se uma viadura policial parada (lado direito do quadro), ela respira fundo, aperta o bebê sobre o peito e segue a esquerda até sumir do quadro, a imagem fica alguns segundos parada na porta do hospital. **CORTA. FADE IN. A tela branca. Silêncio.**

PARTE II:

Sequencia 09: Interna/Dia (final da tarde) – Entrada do hospital/recepção.

Som 01: Som ambiente. Barulho da rua em frente ao hospital se misturando com o som de dentro do hospital.

Tomada 01: CÂMERA NORMAL. PLANO GERAL. TRAVELLING EM SUBJETIVA aproxima-se da entrada do hospital público, porta que abre e fecha, acompanha a chegada da personagem e sua visão/olhar (uma 'varredura' do lugar) da recepção do hospital. A mulher 2 entra sozinha com medo, sai da porta e encosta na parede. **CORTA.**

Tomada 02: CÂMERA FIXA/NORMAL. Contra plano (Câmara de dentro da recepção em frente a porta de entrada). **CLOSE** nos olhos assustados da personagem, ela procura um abrigo e vê a porta do banheiro feminino. **CORTA.**

Tomada 03: (Contra plano) **SUBJETIVA** da visão da porta do banheiro.

CORTA. FADE IN. Tela branca e silêncio.

Som 02 e 03: compasso acelerado e intermitente de um coração de adulto - o som inicia baixo e vai crescendo de volume e de aceleração até se misturar com o som da respiração ofegante da mulher, que predomina e diminui até parar no Fade In e o silêncio.

Sequencia 10: Interna/Dentro do banheiro.

Som: Ambiente, com a ênfase na respiração ofegante que a personagem tenta controlar.

Tomada 01: (PP) CÂMERA FIXA. CLOSE nos Olhos e vai se abrindo até ficar em **PLANO AMERICANO.**

A mulher em frente ao espelho lava o rosto, olha-se buscando no reflexo encontrar forças e coragem. **(SOM OFF/fala subjetiva da personagem)** "Ah! Meu Deus oquê que eu faço? Eu queria e podia morrer, assim não tinha que tomar uma decisão dessas...ah! meu Deus

me dê forças! Que ódio, porquê, porquê...e ele nem quiz saber, maldito! Estou perdida, para onde vou...Calma, calma, calma...ah! Que dor, ah! Que medo, cama, calma, calma, respira fundo." A mulher busca a lucidez, recompor-se, decidir o que vai fazer. **CORTA. FADE IN – a tela branca, o silêncio.**

Sequencia 11: Interna/Saindo do Banheiro/Balcão da Recepção.

Som: Ambiente/Direto.

Tomada 01: CAMÊRA ALTA. PLANO GERAL. A mulher sai do banheiro e dirige-se ao balcão da recepção. **TRAVELLING VERTICAL. CLOSE** no rosto da personagem que respira fundo e pergunta para a atendente (que está sentada e aparece detalhe da cabeça no quadro) – "Por favor, meu nome é, é é, Maria e eu vim para, para..." – apaga (ela desmaia) e some do quadro que fica alguns segundos vazios até a atendente levantar-se e gritar: "Pessoal acode aqui, a mulher apagou". **(SOM DIRETO) CORTA.**

FADE IN mais longo – a tela branca e o som do coração volta forte, porém agora é de um feto/como de ultrassom **(SOM OFF)**, latente, até estourar e sumir.

Sequencia 12: Interna/Quarto do Hospital.

Som: Ambiente/Direto com inserções em Off.

Tomada 01: CLOSE nos olhos se abrindo. **CORTA.**

Tomada 02: SUBJETIVA do teto/ ventilador girando bem devagar. **CORTA.**

Tomada 03: CAMERA NORMAL. PLANO GERAL. A mulher está deitada, olha o quarto e questiona **(SOM OFF/Subjetiva)** "Onde estou? O que aconteceu?" **CORTA.**

Tomada 04: SUBJETIVA nas mãos apertando o ventre. **CORTA.FADE IN.**

Sequencia 13: Interna/ Recepção e corredor do Hospital.

(Seqüências de flashbacks, caóticas e com filtro desbotado, deixando a imagem meio cinza)

Som: Ambiente/Direto mas com inserção de uma cacofonia não identificada, misturando com a voz da atendente, dos enfermeiros e o OFF de uma Médica (não aparece, meio susurrando em seu ouvido)

Tomada 01: CAMERA NORMAL. TRAVELLING VERTICAL. A mulher caindo.

Tomada 02: CAMERA ALTA. FIXA sobre o tumulto em volta da personagem. A correria, sendo socorrida.

Tomada 03: CAMERA NORMAL. TRAVELLING HORIZONTAL. Ela sendo na maca pelos corredores. A voz firme, serena e acolhedora em seu ouvido: **(SOM OFF)** "Calma, Mãe fique

tranqüila, está tudo bem, vamos cuidar de vocês...tudo dará certo.” **CORTA. FADE IN. A tela branca. Silêncio.**

Sequencia 14: Interna/Quarto do hospital.

Som: Ambiente/Direto.

Plano Sequência: CÂMERA FIXA. - (PG) A porta do quarto se abre, uma enfermeira entra trazendo um bebê no colo, **TRAVELLING HORIZONTAL** a acompanha até o lado da cama, onde ela pára, respira fundo e diz: “Ô bebê, sua mamãe se foi e a deixou aqui para nós, oh! Meu Deus!” **(PP)** Na cama/no leito vazio.**CORTA. FADE IN. A tela branca. Silêncio.**

Seqüência 15: Externa/saída do Hospital (final da tarde).

Som: Ambiente/Direto.

Plano Seqüência: CAMÊRA FIXA em frente a porta do hospital. **PLANO GERAL.** A mulher 2 sai assustada, olhando para trás, hesitando se vai ou se volta. Ela pára **(CLOSE/PP)** olha para todos os lados e onde **(PP)** vê-se uma viatura policial parada (lado direito do quadro), ela respira fundo, olha para trás, respira fundo e segue a esquerda até sumir do quadro, a imagem fica alguns segundos parada na porta do hospital. **CORTA. FADE OUT.**

Junto aos créditos - compôr:

1. Música: Mãe (Mãe Solteira) – Disco: Estudando o Samba, Tom Zé, 1975.
2. Imagens – fragmentos ou como um mosaico, caleidoscópio do quadro do Klimt “As três idades da Vida”, 1905.

FIM



Mãe (Mãe Solteira)

Tom Zé e Elton Medeiros

Cada passo cada mágoa
cada lágrima somada
cada ponto de tricô
seu silêncio de aranha
vomitando paciência
pra tecer o seu destino
Cada beijo irresponsável
cada marca do ciúme
cada noite de perdão
o futuro na esquina
e a clareza repentina
de estar na solidão
Os vizinhos e parentes
a sociedade atenta
a moral com suas lentes

com desesperada calma
sua dor calada e muda
cada ânsia foi juntando
Preparando a armadilha
teias, linhas e agulhas
tudo contra a solidão
pra poder trazer um filho
cuja mãe são seus pavores
e o pai sua coragem

Dorme dorme

meu pecado

minha culpa

minha salvação

Sinopse

Um encontro casual, inesperado e o despertar de uma expectativa, ali presente e sempre latente nos dois personagens. Final da tarde de um sábado, uma Mulher retorna do trabalho para casa, a casa vazia, onde ressoa a ausência do homem que partiu e dos filhos que não tiveram. O homem retorna do emprego que perdeu, para a casa que também perdeu, pois a esposa recém falecida deixou a casa estranha a ele. Ambos estão sozinhos no mundo.

Caracterização das Personagens

Mulher: tem aproximadamente 35 anos, estatura média, cabelos crespos, olhos castanhos, pele clara, banal. Geralmente é controlada, resignada, aparenta extrema segurança e vive como quem trabalha o tempo todo. Gosta de conversar com estranhos, deixando de representar a mulher forte.

Homem: homem de aproximadamente 40 anos, estatura média, simplório, veste trajes em tom degradê de cinza. Homem simpático e espirituoso, ele gosta de conversar, desabafar as muitas dores que carrega no peito.

Caracterização dos Cenários

Um ponto de ônibus, de uma cidade grande e estranha. Os dois personagens se destacam do resto do ponto por estarem ao centro dos bancos. Transeuntes passam, as pessoas chegam e partem (três figurantes: um adolescente ouvindo walkman e duas mulheres).

Seqüência 1: “Externa”/Dia (por volta das 16h00) – Ponto de ônibus

Som: Ruídos da cidade: burburinho, automóveis, buzinas, freadas (permanece ao longo de toda a seqüência, inicialmente mais destacado, diminuindo conforme o diálogo gradativamente vai se sobrepondo a cacofonia urbana)

Tomada 01: CÂMERA NORMAL. PLANO GERAL. TRAVELLING FRONTAL aproxima-se do Homem que está sentado sobre um dos bancos do ponto de ônibus, ao lado de um adolescente ouvindo um walk-man. Em outro banco duas mulheres também esperam ônibus. A mulher invade o quadro e pára quase na sua frente. O homem, num primeiro momento, a observa distraidamente; de repente, seu olhar recai sobre o zíper da moça (CLOSE no zíper) que está “escancaradamente” aberto. Desvia o olhar e se põe a pensar (em segundos) se a avisa ou não. Resolve-se pelo sim e, delicadamente diz a ela: *Moça, seu zíper está aberto*. Ela pára, olha para ele como se não estivesse entendendo; em seguida olha para baixo e desoladamente percebe que está exposta ali num ponto de ônibus. (a mulher neste momento desaba, suas costas se curvam imperceptivelmente) ZOOM no zíper sendo fechado pela mulher

Tomada 02: CÂMERA NORMAL. PLANO GERAL. A mulher se mantém no mesmo lugar, porém com a cabeça caída para o lado de forma a evitar o olhar do homem.

Tomada 03: CAMERA NORMAL. PLANO GERAL. O homem percebe o constrangimento da mulher e fica na expectativa de uma oportunidade de minimizar o mal estar causado pelo inusitado da situação. A mulher inclina levemente a cabeça em direção ao homem e ele imediatamente aproveita a deixa e diz:

Moça eu percebi que você ficou um pouco envergonhada e queria me desculpar, eu não estava olhando não, mas é que você parou bem na minha frente.

Ela: Não, não tem problema. Na verdade eu tenho até que te agradecer, afinal eu não poderia ficar andando por aí desse jeito.

(No momento em que ela responde, já está fisicamente mais próxima do homem)

Tomada 04: CAMERA NORMAL. PLANO GERAL. A mulher está sentada no lugar do adolescente (que partiu) ao lado do homem, com as pernas juntas, as mãos no colo. Está concordando com algo que disse o homem:

Pois é, já tem mais de dez minutos e nenhum ônibus para a Rodoviária...

Ele: Rodoviária? Passa de 1 em 1 hora! Mas você mora onde?

Ela: Em outra cidade. E você?

Ele: Eu moro aqui mesmo, mais em um bairro longe, tenho que pegar dois ônibus, o pior é que estou vindo de São Paulo onde fui pegar a aposentadoria da minha mulher que faleceu.

Ela (condoída): Ah! Você é viúvo?

Ele: Sou, há pouco tempo.

Ela: Desculpa perguntar, mas ela morreu de quê? Foi algum acidente?

Ele: Não...ela morreu de pneumonia.

Ela: Ah! Que triste! PAUSA... Ainda se morre de pneumonia?

Ele: Sem dinheiro se morre de tudo...

Silêncio.

Ele: E você?

Ela: Eu o quê?

Ele: Você é casada?

Ela: Não, eu fui. Meu marido também se foi... PAUSA. Com outra.

Ele: Ah! Que triste!

Silêncio.

Ele olha para ela, com delicadeza para a forma como ela segura as coisas que carrega; em seguida a fita nos olhos e diz:

Eu, (PENSATIVO) nunca deixaria minha mulher... Em seguida diz - com singela sinceridade: Se fosse seu marido nunca a deixaria.

Silêncio.

Ela olha para as mãos dele e depois o fita com ternura.

Ele: Ih! Meu ônibus está vindo ali! Você acha que o motorista me daria uma carona se eu explicasse que não consegui pegar o dinheiro da aposentadoria da minha falecida esposa e estou sem dinheiro até para pagar a passagem? Neste momento, inadvertidamente o olhar dele resvala para a bolsa dela, ela percebe e contrai as mãos segurando a bolsa, indicando a desconfiança de que toda a despretensiosa conversa dele era puro interesse. Ele, quase no mesmo instante em que olha para a bolsa dela, desvia o olhar percebendo sua desconfiança. O ônibus pára, para entrar passageiros, depois vai embora, ele não embarca; olha em direção ao ônibus, olha de soslaio para ela, ela olha para o ônibus e olha de soslaio para ele, o ônibus vai embora e ficam somente os dois no ponto.

Silêncio.

Os dois se viram um para o outro e falam ao mesmo tempo:

Ela (segurando a bolsa como quem vai abri-la): Você não quer...

Ele: Olha, eu não quis...

Ela: Ih! Meu ônibus!

A luz do farol se aproxima, ela se dirige para a frente em direção ao ônibus na atitude de pegá-lo, de embarcar, porém titubeia, vira-se para o homem para se despedir com um olhar de lamentoso adeus. Neste momento o homem está olhando para ela com o mesmo olhar e seus olhos resvalam novamente para o zíper.

Ele: Moça, seu zíper abriu de novo!

Ela se vira para ele, dá as costas para o ônibus, fecha os olhos e sorri agradecidamente fechando o zíper.

FADE OUT.

Neste momento ouvimos a partida do ônibus.

FIM

III

A Imitação de Clarice

Adriana Silva

Sinopse

Um fragmento de um dia na vida de uma mulher. Não se trata de uma mulher comum, não se trata de uma mulher complexa, hermética, é uma Mulher. Seu nome é Laura, poderia ser Ana, Joana... Mas isso de fato não importa. Sobre põe-se apenas o lusco-fusco sinalizando que já não é mais dia e que ainda não chega a ser noite, assim como Laura ou Ana, sempre à espera, à espreita do porvir, como mulher, como mãe, como amante...

Caracterização das Personagens

Laura: tem aproximadamente 33 anos, estatura baixa (+ ou -1m e 60 cm), cabelos curtos e lisos, olhos castanhos, pele clara, delicada em cada uma de suas partes conformando um todo delicado, às vezes frágil. Fala sozinha, amiúde, como se comunicasse ao mundo sua solidão, mas nunca se considera sozinha. É mulher de gestos econômicos. Considera atitudes espalhafatosas como demonstrações deselegantes que carregam o descrédito em si mesmas. À espera de seu marido, Laura se arrumou de forma especial, veste um vestido marrom com gola de renda creme.

Marido de Laura: homem alto, um pouco desajeitado, trajes absolutamente comuns em tom degradê de cinza. Homem sisudo, via de regra emite poucos sons, ele é silencioso, mais por timidez e desamparo.

Maria (empregada de Laura): moça atarracada, estatura média, magra, muito magra, meio inquieta, fala rápido e de forma um pouco enrolada. Às vezes demonstra certa impaciência com a lentidão desmesurada da patroa, mas após uma eternidade de convivência, simplesmente tolera esses deslizes num ato cotidiano de amor e dedicação.

Carlota (amiga de Laura): uma espécie de Anti-Laura; mulher sofisticada, de fala fluente e gestos exagerados, roupas de vanguarda, decotes audaciosos, cabelos e maquilagens sempre insinuantes. É capaz de seduzir pela maneira como transborda sua - aparente, externa e superficial, felicidade de mãe, mulher e amante.

Filhos de Carlota (duas crianças): rechonchudas, sorridentes, crianças que esbanjam saúde e vitalidade. Apresentam-se com roupas sujas e gostam de falar muito, falam ao mesmo tempo, disputam o direito à fala.

Caracterização dos Cenários

Basicamente o interior de um apartamento composto dos seguintes cômodos: sala, cozinha, quarto, corredor e banheiro, além de um bosque que povoa as memórias de Laura.

Sala: janela grande com cortina (permite uma vista panorâmica da cidade), poucos móveis, estante com espaço para muitos penduricalhos, um grande crucifixo na parede, um lustre antigo, quadro dos antepassados na parede, uma mesa retangular de centro com um vaso de rosas (botões), sofá e duas poltronas de cores sóbrias (bege ou algo do tipo), chão composto de um piso claro, encoberto com tapete escuro, arara no canto da sala (chapéu, casaco, guarda-chuva), quadros na parede (em especial religiosos), telefone de cor branca no canto da sala, máquina de escrever velha, alguns papéis amarelados na estante, livros e revistas.

Cozinha: Espaço amplo e simples, com azulejos claros até o teto, possui fogão, geladeira, mesa para as refeições, armários e ao lado da pia, tem a saída para área de serviço e quartinho de empregada.

Quarto: Cama alta, com guarda de madeira e que provoque ruídos (rangidos) quando alguém se deita ou se levanta, tendo dois travesseiros bem “murchos”, roupas de cama alternadas entre amarelas e cinza, relógio despertador antigo, criados-mudos bem antigos, que não combinem com a estética da cama, pantufas de um dos lados da cama, penteadeira com espelho e banquinho – com porta jóias, caixinha de música antiga, perfumes, crucifixo sob a cama, janelas cobertas por cortina pesada, meio claustrofóbico.

Corredor: Extenso e estreito, sombrio, espaço da sombra que predomina sobre a luz, alguns quadros de paisagens e um em especial no meio do corredor – “As três fases da mulher ou da vida (?)” de Gustave Klimt e um pequeno altar nas paredes, um tapete grande ao centro. Espaço da transição entre dois universos de conflito: a sala e o quarto.

Bosque: lugar aberto, muitas árvores, pessoas espalhadas por todos os cantos, burburinho constante de conversas e crianças brincando ininterruptamente.

SEQÜÊNCIAS

Toda a ação se dá no intervalo entre o fim da tarde e o início da noite. A hora perigosa do dia, onde o lusco-fusco, a luz em transição, incide e incita transformações, neste momento nossa personagem destila sua espera contrita e ao mesmo tempo raivosa dos homens, dos amores, das angústias e dos devaneios de quem aguarda o mesmo momento desde sempre. É quase como um labirinto cujas paredes são a incômoda passagem de tempo que escorre ao longo de cinco “capítulos”, por hora chamemos assim: ***A Apresentação, A Presença Melancólica do Passado, O momento epifânico, A Lucidez Perigosa e Consistir ou...***

CAPÍTULO I: A Apresentação da Personagem

Seqüência 1: Interna/Dia (por volta das 4h45 da tarde) – Sala

Som: Ruído da página de um livro grande e volumoso sendo virada sucedido por ruídos da cidade: burburinho, automóveis, buzinas, freadas (permanece ao longo de toda a seqüência, ora mais destacado, nos momentos em que a personagem se aproxima da janela, ora menos evidente, nos momentos em que a personagem se aproxima do outro extremo da sala)

Tomada 01: CÂMERA NORMAL. PLANO GERAL. TRAVELLING FRONTAL aproxima-se da porta da casa, lentamente, a porta está aberta, passa pela estante, pela mesa de centro, pelo sofá, pelos quadros (pequena pausa), pelo carpete e fixa na janela. ZOOM fecha em metade da janela quando a personagem já está no plano, ela pode ser enquadrada de perfil, fazendo pequenos movimentos com o rosto sem exibi-lo completamente (apenas a silhueta), ela está de braços cruzados e com um copo de leite. A personagem sorve o líquido lentamente olhando para fora da janela. Repete o mesmo ato duas ou três vezes. Bate com a ponta dos dedos no copo.

Som da batida dos dedos no copo de leite.

Tomada 02: CÂMERA SUBJETIVA. CLOSE na vista da cidade. PAN HORIZONTAL fixa na mesa de centro onde se pode ver um vaso com lindos botões de rosa (um tom de rosa não muito forte, quase brancos).

Tomada 03: CÂMERA BAIXA (posicionada próxima ao vaso de flores, rente à mesa). CLOSE. CÂMERA FIXA Laura aproxima-se e apanha um botão de rosa, caminha até sair de plano.

Tomada 04: CÂMERA ALTA. PLANO GERAL. CÂMERA FIXA acompanha o andar da personagem que deposita o copo de leite e ajeita-se cuidadosamente no sofá com movimentos lentos e concatenados que se estendem ao ato de observar e cheirar o botão de rosa.

Tomada 05: CÂMERA NORMAL. CLOSE. CÂMERA FIXA Laura acaricia o nariz e parte do rosto com o botão de rosa transmitindo candura e admiração pela planta. De repente um sobressalto e o olhar muda um pouco transmitindo certa raiva em relação à planta. ZOOM IN fecha em SUPER CLOSE no olho esquerdo de Laura com o botão de rosa à frente. Laura pisca profundamente.

Som do suspiro de Laura.

Som de um balanço.

CAPÍTULO II: A Presença Melancólica do Passado

Seqüência 2: Externa/Dia (por volta das 9h da manhã) – Bosque/ área de convivência, parquinho.

Sons: Ruído da página de um livro grande e volumoso sendo virada sucedido por ruídos de pessoas conversando descontraídas, alegres, sorridentes. Som de um balanço do parquinho.

Tomada 01: CÂMERA SUBJETIVA. PLANO GERAL. TRAVELLING FRONTAL avança pelo parque (reproduzindo a perspectiva de reminiscências de Laura) indo ao encontro de Laura e Carlota que conversam no parque.

Som do balanço aumenta gradativamente e estoura no instante em que a câmera se aproxima das duas que conversam.

Tomada 02: CÂMERA SUBJETIVA. CLOSE no rosto de Carlota que fala sem parar, demonstra bastante desenvoltura e sofisticação, sorri descompromissadamente, parece versar sobre amores, sonhos, projetos de vida e devaneios em geral. PAN HORIZONTAL observa o cenário ao redor, lentamente parece frisar de forma um tanto incomodada com a felicidade das pessoas que brincam nos arredores do bosque.

Tomada 03: CÂMERA NORMAL. PLANO GERAL. CÂMERA FIXA enquadra Laura pelas costas ouvindo Carlota. Duas crianças correm e abraçam Carlota de maneira efusiva.

Som: *mãe, mãe, dá dinheiro pra gente compra algodão doce, você prometeu...*

(Enquanto isso as crianças puxam a roupa da mãe e ao mesmo tempo se provocam numa briguinha cotidiana – uma delas diz a outra: *não eu que vou primeiro...*)

Carlota sorri mostrando certo desconforto e uma ligeira ponta de irritação ao mesmo tempo em que tenta acalmar as crianças.

CAPÍTULO III: O momento epifânico

Seqüência 3: Interna/Dia (por volta das 5h00 da tarde) – Sala

Som: Ruído da página de um livro grande e volumoso sendo virada sucedido por uma fala de Maria:

Som Off: *Então D. Laura eu posso entregar as rosas pra Dona Carlota?*

Tomada 01: CÂMERA NORMAL. CLOSE. CÂMERA FIXA no rosto de Laura que abre rapidamente os olhos, como se tomasse um susto. Ainda está com o botão de rosa em sua mão.

Tomada 02: CÂMERA NORMAL. PLANO AMERICANO. PAN HORIZONTAL acompanha o movimento de Laura que se levanta do sofá e caminha em direção ao corredor passando lentamente por Maria que resmunga algo incompreensível.

Seqüência 04: Interna/Dia (por volta das 5h05 da tarde) – Corredor

Tomada 01: CÂMERA BAIXA. CLOSE. CÂMERA FIXA Nos pés de Laura. Inicia o caminhar até o meio do corredor, arrastando as chinelas pelo chão, e seus pés se voltam em direção a um quadro pendurado na parede. PAN VERTICAL. PLANO AMERICANO. Laura observa o quadro.

Tomada 02: CÂMERA NORMAL. PLANO AMERICANO. CÂMERA FIXA. Laura olha para o quadro, o quadro integralmente a sua frente, toca-o lentamente num primeiro momento de forma suave, com a maciez delicada de seus dedos. Interrompe. Reinicia agora de forma um pouco mais ríspida, com a unha ela raspa o quadro emitindo um som contínuo e irritante. Interrompe.

Tomada 03: CÂMERA BAIXA. PLANO AMERICANO Laura se volta para o final do corredor. PAN VERTICAL ACOMPANHA O MOVIMENTO de Laura, mantendo-a no plano.

Seqüência 05: Interna/Dia (por volta das 5h10 da tarde) – Quarto

Tomada 01: CÂMERA NORMAL. PLANO GERAL. CÂMERA FIXA Laura invade o plano, senta-se sobre a cama, levanta-se, senta-se sobre o banco em frente à penteadeira, abre a gaveta da penteadeira e apanha um pedaço de papel bastante delicado, uma espécie de seda. Som do papel sendo manuseado.

Tomada 02: CÂMERA NORMAL. PLANO AMERICANO. CÂMERA FIXA Segura-o nas mãos e aperta levemente entre os dedos. Por alguns segundos distrai-se. Quando “retorna a si”, deita o papel sobre a penteadeira, estica-se e apanha a escova de cabelo sobre o móvel. Alinha-se rigorosamente perante o espelho e começa a pentear lentamente seus cabelos curtos como se fossem absurdamente longos (dá a impressão que Laura queria que eles assim o fossem, longos, muito longos). Laura penteia-se lentamente, parece desenvolver um interminável ritual, suspira e esboça um leve sorriso de canto de lábio, sorriso tímido que custa a tomar forma. É interrompida de súbito por Maria:

Som Off: *Dona Laura* (Maria diz outras coisas inaudíveis, sons indefinidos à distância).

Vira-se lentamente, deposita a escova sobre a penteadeira novamente, apanha o papel, bate-o e abandona o quarto retornando ao corredor.

Permanece por alguns instantes a perspectiva do espelho que evidencia quase todo o ambiente do quarto.

Som Off: as chinelas de Laura raspando o chão.

Seqüência 06: Interna/Dia (por volta das 5h30 da tarde) – Sala

Tomada 01: CÂMERA NORMAL. PLANO GERAL. CÂMERA FIXA (importante definir um “eixo” para a mesma posição de câmera na sala) o vaso com as rosas encontra-se exatamente no centro do plano. Laura entra em cena, vinda do corredor, e apanha as rosas do vaso de forma bastante cuidadosa. PAN HORIZONTAL acompanha o movimento de Laura até o sofá. Senta-se delicadamente e começa a embrulhar as rosas no papel especial.

Tomada 02: CÂMERA NORMAL. PLANO MÉDIO. CÂMERA FIXA nas mãos de Laura que retira lentamente os espinhos de cada uma das rosas e após longo processo organiza-as todas sob o papel e enrola-as de forma assimétrica formando um buquê de rosas.

Tomada 03: SUBJETIVA. CLOSE nas mãos de Laura que acaricia lentamente as rosas; dessa vez o movimento assemelha-se ao ato materno de embalar o filho recém-nascido.

Som Off (Maria): *Dona Laura, daqui a pouco eu vou embora, a senhora não queria que eu deixasse essas rosas com dona Carlota? Posso...* (som continua por alguns segundos em forma de ruídos indecifráveis).

Tomada 04: CÂMERA ALTA. PLANO GERAL. PAN HORIZONTAL acompanha o andar nervoso de Laura pela sala. Enquanto anda ora aperta o buquê contra o próprio peito, ora carrega-o despretensiosamente ao lado do corpo. Maria entra em cena, vinda da cozinha, conversam por alguns segundos, Laura esboça entregar o buquê a Maria, titubeia e toma-o novamente nas mãos. Um silêncio incômodo congela o ar. Trocam poucas palavras como uma espécie de despedida. Maria sai de cena por alguns instantes, em direção à cozinha, Laura retorna ao sofá com o buquê nas mãos. Maria retorna com sua bolsa, outros trajes, despede-se e abandona a cena. (Não há sons de diálogo nessa cena, apenas o som ambiente dos ruídos da cidade).

Som off: abrir e fechar da porta indicando a saída de Maria.

Tomada 05: CÂMERA NORMAL. PLANO MÉDIO. CÂMERA FIXA Laura no sofá com o buquê de rosas nas mãos. Deposita-o sobre a mesa de centro. Sai de cena e retorna com outro copo de leite. Bebe lentamente dois longos goles. Olha fixamente para o buquê.

Som off: caminhão de gás.

Apanha-o novamente, retira um botão, cheira-o, arranca uma pétala. ZOOM IN lentamente fecha em CLOSE no rosto (entra a música Für Elise) no processo em que ela intercala sorrisos nervosos com as pétalas de rosa que cheira, mastiga e toma alguns goles de leite. Laura demonstra satisfação.

Som Off: o som off da tomada 5 é dividido - inicialmente é a música tradicional dos caminhões de Gás, como se de fato um deles passasse lentamente pela rua em frente à casa de Laura, mas no decorrer da sequência entra a música original Für Elise – Ludwig Van Beethoven, compondo a trilha musical da epifania da personagem.

CAPÍTULO IV: A Lucidez Perigosa

Seqüência 7: Interna/Dia (por volta das 6h da tarde) – Quarto

Som: Ruído da página de um livro grande e volumoso sendo virado sucedido pelo final da música Für Elise como transição, diminuindo de volume aos poucos (seqüência anterior)

Tomada 01: CÂMERA NORMAL. PLANO GERAL CÂMERA FIXA Laura sentada na cama delicadamente diante do espelho e da penteadeira. PAN HORIZONTAL(?) acompanha Laura que se levanta, apanha outros brincos (maiores do que os que ela está usando), troca os brincos. Apanha a escova e começa a pentear o cabelo, coloca um colar de pérolas, alisa-o lentamente. Retira-o e substitui por uma corrente com um pingente religioso. Acende a luz do abajur e apaga a luz do quarto. Senta-se e começa a bater com a ponta dos dedos na lateral da cama, range os dentes. Levanta-se e acaricia o vestido que está vestindo. Acende a luz do quarto. Senta-se novamente. Apaga a luz do quarto (nesse instante a luz queima?). Laura se desequilibra, quase cai. Recompõe-se rapidamente e começa a arrumar os objetos que se encontram sobre a penteadeira. Está um pouco afobada, derruba alguns perfumes e outros frascos, logo os organiza.

Tomada 02: CÂMERA BAIXA. CLOSE. CÂMERA FIXA Laura abre uma caixinha de música, dá corda e põe a tocar (o som da caixinha – FUR ELISE - permanece durante toda a seqüência), apanha “A Imitação de Cristo” que está em posição de destaque na penteadeira, leva-a contra o peito e aperta firmemente contra seu colo. Suspira longamente.

Tomada 03: CÂMERA NORMAL. PLANO GERAL. CÂMERA FIXA Laura senta-se novamente na cama, abre o livro em algum ponto aleatório, a pouca luz causa algum desconforto, fica evidente um certo nervosismo e as mãos tremem. Deposita o livro novamente em seu lugar de origem, passa as mãos pela penteadeira, depois pelas bordas da cama (como se conferisse a irretocável organização). Apaga a luz do abajur. TELA ESCURA passos lentos, leve tropeço indicados pelo som das chinelas de Laura raspando pelo chão.

CAPÍTULO V: Consistir ou...

Seqüência 8: Interna/Dia (por volta das 6h30 da tarde) – Sala

Som: Ruído da página de um livro grande e volumoso sendo virada sucedido pelo final da música da caixinha (seqüência anterior) e posteriormente pelo som do elevador chegando no andar, sinalizando a chegada de alguém.

Tomada 01: CÂMERA NORMAL. PLANO GERAL. CÂMERA FIXA Laura aguarda e ansiosamente olha para os lados, alisa o vestido, o sofá, ajeita alguns objetos já ultra-ajeitados, mas tenta se conter a ponto de omitir (ou tentar omitir) seu descontrole momentâneo – um misto de alegria e tensão.

Som off: Passos masculinos.

PAN HORIZONTAL aproxima-se da porta.

Som off: Porta se abre e emite um rangido forte.

Percebe-se a silhueta (através da sombra) de um homem que retira o casaco, o chapéu e deposita ambos sobre a arara no canto da sala.

Tomada 02: CÂMERA NORMAL. CLOSE. CÂMERA FIXA no rosto de Laura que diz as seguintes palavras: *Voltou, Armando, Voltou*. O som das palavras de Laura são encobertos pelos ruídos da cidade. Na expressão de Laura percebe-se um sorriso contido que não vem à tona.

Tomada 03: CÂMERA NORMAL. PLANO GERAL. CÂMERA FIXA percebe-se a sombra do homem que pouco se mexe, assemelha-se a uma estátua.

Som off (marido de Laura): um tom inexpressivo e meio desacreditado – diz: *Mas....segue-se um longo suspiro, de cansaço e impotência.*

Som off: porta batendo de forma involuntária, escapou e bateu.

Tomada 04: CÂMERA NORMAL. CLOSE. CÂMERA FIXA no rosto de Laura que diz as seguintes palavras em tom meio confuso e demonstrando também certo cansaço: *Foi por causa das Rosas*. O som das palavras de Laura são encobertos pelos ruídos da cidade.

Tomada 05: CÂMERA NORMAL. PLANO GERAL. CÂMERA FIXA percebe-se a sombra do homem que aos poucos desloca-se e abandona a cena, indo para o corredor.

Som off: passos masculinos esmaecem lentamente.

Tomada 06: CÂMERA NORMAL. PLANO GERAL. ZOOM IN fecha lentamente em SUPER CLOSE no rosto de Laura, mais especificamente nos lábios. Ela gesticula algumas palavras (como se dialogasse consigo mesma)

A Tela escurece lentamente enquanto sobe um texto com os seguintes dizeres:

“Quando lhe haviam dado para ler “Imitação de Cristo”, com um ardor de burra ela lera sem entender mas, que Deus a perdoasse, ela sentira que quem imitasse Cristo estaria perdido – perdido na luz, mas perigosamente perdido. Cristo era a pior tentação.”⁷³

CRÉDITOS

FADE OUT

F I M.

⁷³ *A Imitação da Rosa*, em *Laços de Família*, Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 36.

Visão de Clarice Lispector⁷⁴

Clarice,
veio de um mistério, partiu para outro.
Ficamos sem saber a essência do mistério.
Ou o mistério não era essencial,
era Clarice viajando nele.
Era Clarice bulindo no fundo mais fundo,
onde a palavra parece encontrar
sua razão de ser, e retratar o homem.
O que Clarice disse, o que Clarice
viveu por nós em forma de história
em forma de sonho de história
em forma de sonho de sonho de história
(no meio havia uma barata
ou um anjo?)
não sabemos repetir nem inventar.
São coisas, são jóias particulares de Clarice
que usamos de empréstimo, ela dona de tudo.
Clarice não foi um lugar-comum,
carteira de identidade, retrato.
De Chirico a pintou? Pois sim.
O mais puro retrato de Clarice

⁷⁴ Poema de **Carlos Drummond de Andrade**, publicado em 1977, após a morte de Clarice Lispector em 09/12/1977, de Câncer, na véspera de completar 57 anos.

só se pode encontrá-lo através da nuvem
que o avião cortou, não se percebe mais.
De Clarice guardamos gestos. Gestos,
tentativas de Clarice e sair de Clarice
para ser igual a nós todos em cortesia, cuidados, providências.
Clarice não saiu, mesmo sorrindo.
Dentro dela
o que havia de salões, escadarias,
tetos fosforescentes, longas estepes,
zimbórios, pontes do Recife em bruma envoltas,
formava um país, o país onde Clarice
vivia, só e ardente, construindo fábulas.
Não podíamos reter Clarice em nosso chão
salpicado de compromissos. Os papéis,
os cumprimentos falavam em agora,
edições, possíveis coquetéis
à beira do abismo.
Levitando acima do abismo Clarice riscava
um sulco rubro e cinza no ar e fascinava.
Fascinava-nos apenas.
Deixamos para compreendê-la mais tarde.
Mais tarde, um dia...saberemos amar Clarice.

Referências

Bibliografia

BACHELLARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo, Ed. Martins Fontes: 2000.

_____. **A poética do devaneio**. São Paulo, Ed. Martins Fontes: 2001.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira: 1981.

CAROTENUTO, ALdo. **Eros e Pathos: Amor e Sofrimento**. São Paulo, Ed. Paulus: 1994.

DUBOIS, Philippe. **Cinema, Vídeo, Godard**. São Paulo, Ed. Cosac Naif: 2004.

FERRACINI, Renato. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas, SP, Editora UNICAMP: 2003.

GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice uma vida que se conta**. São Paulo, Ed. Ática: 1995.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro, Ed. Rocco: 1973.

_____. **A bela e a fera**. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves: 1979.

_____. **A Hora da Estrela (Edição Comemorativa Audio- Livro)**. Rio de Janeiro, Ed. Rocco: 2006.

_____. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro, Ed. Rocco: 1974.

_____. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro, Ed. Rocco: 1984.

_____. **Laços de família**. Rio de Janeiro, Ed. Rocco: 1960.

_____. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres.** Rio de Janeiro, Ed. Rocco: 1969.

_____. **Um Sopro de Vida (Pulsações).** Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira: 1978.

_____. **Perto do Coração Selvagem.** Rio de Janeiro, Ed. Rocco: 1943.

_____. **Quase de Verdade.** Rio de Janeiro, Ed. Rocco: 1978.

_____. **A vida íntima de Laura.** Rio de Janeiro, Ed. Rocco: 1974.

MANZO, Lícia. **Era uma vez: Eu – a não ficção na obra de Clarice Lispector.** Curitiba, Ed. UFJF: Secretaria de Estado da Cultura: The Document Company-Xerox do Brasil, 1997.

MILLIET, Maria Alice Milliet. **Lygia Clark: obra-trajeto.** São Paulo: EDUSP, 1992.

MIRANDA, Ana. **Clarice Lispector: O tesouro da minha cidade.** Rio de Janeiro (Prefeitura), Relume-Dumará: 1996.

MONTERO, Teresa (Org.) **Minhas queridas.** São Paulo: Ed. Rocco, 2007

NÉRET, Gilles. **Gustav Klimt (1862-1918).** Taschen, 2006.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem – Uma leitura de Clarice Lispector.** São Paulo: Ática, 1989.

PONTIERI, Regina. **Clarice Lispector: Uma poética do olhar.** São Paulo, Ateliê Editorial: 1999.

ROSEMBAUM, Yudith. **Clarice Lispector.** São Paulo, PubliFolha: 2002.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o tempo.** São Paulo, Ed. Martins Fontes: 1996.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico.** Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra: 1984.

Periódicos

Revista **BRAVO** (Julho 2005), **CULT** (dezembro 1997) e **Cadernos de Literatura Brasileira Clarice Lispector** - Instituto Moreira Salles (Edição Especial, números 17e 18 – Dezembro de 2004)

Filmografia

A Hora da Estrela, Suzana Amaral, 1985.
Felicidade Clandestina (curta metragem), Beto Normal e Marcelo Gomes, 1998.
Antes do Pôr-do-Sol, direção Richard Linklater, 2004.
O Piano, Jane Campion, 1993
Jornada da Alma, Roberto Faenza, 2003.
A dupla vida de Veronike, Krzysztof Kieslowski, 1991.
A Igualdade é branca, Krzysztof Kieslowski, 1994.
As Horas, Stephen Daldry, 2002.
Querô, Carlos Cortez, 2006.
A casa de Alice, Chico Teixeira, 2007.
Tudo sobre minha mãe, Pedro Almodóvar, 1999.
A vida secreta das palavras, Isabel Coixet, 2005.
O segredo, Jasmila Zbanic, 2006.
Mama Roma, P. P. Pasolini, 1962.
Medéia, P. P. Pasolini, 1969-1970.
Julieta dos Espíritos, Federico Fellini, 1965.
Trilogia da Incomunicabilidade: **O Eclipse** (1962), **A Noite** (1961) e **A Aventura** (1960), Michelangelo Antonioni.

Sites

http://br.geocities.com/claricegurgelvalente/14_pinturas.htm
http://www.claricelispector.com.br/artigos_teresaMontero.aspx
http://www.releituras.com/aprado_bio.asp